

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JUCILENE MARIA MARTINS LAMPA

AS CONDIÇÕES PARA O USO EFICAZ DA LITERATURA DE MASSA NO
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: A FORMAÇÃO DOCENTE
NECESSÁRIA

CURITIBA

2007

JUCILENE MARIA MARTINS LAMPA

AS CONDIÇÕES PARA O USO EFICAZ DA LITERATURA DE MASSA NO
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: A FORMAÇÃO DOCENTE
NECESSÁRIA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, no curso de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tescarolo

CURITIBA
2007



ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 472
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Jucilene Maria Martins Lampa

Aos quinze dias do mês de junho do ano de dois mil e sete, reuniu-se na Sala de Projeção II – 2º andar do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof. Dr. Ricardo Tescarolo, Prof. Dr. José Everaldo Nogueira e Prof.^a Dr.^a Evelise Maria Labatut Portilho para examinar Dissertação da candidata Jucilene Maria Martins Lampa, ano de ingresso 2005, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Linha de Pesquisa Teoria e Prática Pedagógica na Formação de Professores. A mestranda apresentou a dissertação intitulada “AS CONDIÇÕES PARA O USO EFICAZ DA LITERATURA DE MASSA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: A FORMAÇÃO DOCENTE NECESSÁRIA”, que, após a defesa foi APROVADA pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16h00. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: A banca considera relevante este trabalho e sugere que, após a adequação formal, receba a devida divulgação.

Presidente:

Prof. Dr. Ricardo Tescarolo _____

Convidado Externo:

Prof. Dr. José Everaldo Nogueira _____

Convidado Interno:

Prof.^a Dr.^a Evelise Maria Labatut Portilho _____


Prof.^a Dr.^a Marilda Aparecida Behrens
Diretora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Stricto Sensu

Agradeço a Deus por me oportunizar saúde, muita força de vontade e principalmente coragem.

Ao meu orientador, Professor Doutor Ricardo Tescarolo, pelo seu lado humano, parceria, boa vontade, dedicação e extremo profissionalismo demonstrado em todas as fases da realização desse trabalho.

À minha mãe, pela educação, amor, carinho e confiança presentes em todos os momentos da minha vida.

Especialmente à minha filha pela compreensão das horas de lazer roubadas, pelo amor e incentivo.

Se alguém, ao ler este texto, me perguntar, com irônico sorriso, se acho que, para mudar o Brasil, basta que nos entreguemos ao cansaço de constantemente afirmar que mudar é possível e que os seres humanos não são puros espectadores, mas atores também da história, direi que não. Mas direi também que mudar implica saber que fazê-lo é possível.

Paulo Freire

RESUMO

As discussões sobre o tema leitura resultam no fato da grande maioria dos estudantes lê, porém não compreende o que está sendo lido. A reprodução do atual processo de ensino-aprendizagem demonstra o despreparo do profissional de português para trabalhar com as diversidades textuais e avaliar os “desejos” dos estudantes em relação ao ensino da literatura. A leitura da literatura de massa apresenta variável quanto aos conhecimentos construídos durante o processo de aquisição, entre as quais os aspectos econômicos, sociais, e culturais que revelam diferenças nas aspirações de cada leitor. Em razão dessa constatação, a prática pedagógica pode complementar positivamente no processo da leitura. Nesse contexto, a formação do professor de português é importante para as discussões sobre a literatura e como ela auxilia no desenvolvimento de novas estratégias de incentivo à leitura. A escolha da literatura de massa com a finalidade de despertar o interesse dos estudantes pela leitura foi um direcionamento para essa temática. Num primeiro momento, pesquisou-se o uso do material literário enviado para os alunos, do Programa Literatura em Minha Casa (MEC). Essa observação resultou numa análise mais detalhada da realidade dos professores e como esses utilizam os recursos literários como apoio pedagógico. Na seqüência, houve participação dos professores da rede Estadual de Educação, direcionando-nos a constatar a realidade literária dos alunos e às suas escolhas pessoais de leitura. O comentário dos participantes possibilitou analisar a prática docente, reconhecendo que a leitura é modalidade para o conhecimento crítico, pois ela possibilita um universo de valores diversificados, seja pela escolha das obras lidas, seja para comprovar que é possível ler obras populares e despertar interesse por obras clássicas. Para confirmar esse fato, analisamos os comentários dos professores e estudantes do curso de Letras-Português e concluímos que o ensino da leitura da literatura de massa induz os alunos a selecionar outros textos, ampliando seu repertório literário. Assim, reconhecemos que é pela leitura e pelo ensino da literatura que transformamo-nos em leitores críticos e seletos.

Palavras-chave: Leitura, literatura de massa, professores, estudantes, apoio pedagógico.

RESUMEN

Se sabe que los comentarios sobre el tema de la lectura resultan en el hecho que la gran mayoría de los estudiantes leen, sin embargo no comprenden lo que están leyendo. La reproducción del actual proceso de enseñanza-aprendizaje resulta en profesionales de portugués sin preparación para trabajar con las diversidades de textos y evaluar los "deseos" de los estudiantes con respecto a la enseñanza de la literatura. La lectura de la literatura popular varía con relación a los conocimientos construidos durante el proceso de adquisición, están entre ellos los aspectos económicos, social y cultural, que revelan diferencias en las aspiraciones de cada lector. Debido a esta comprobación, la práctica pedagógica puede complementar positivamente el proceso de la lectura. En ese contexto, la formación del maestro de Portugués es importante para los estudios sobre la literatura y como ella auxilia en el desarrollo de nuevas estrategias de incentivo a la lectura. La opción elegida de la literatura popular con el objetivo de despertar el interés de los estudiantes por la lectura fue un direccionamiento para este tema. Inicialmente fue observado el uso de material literario enviado a los alumnos del Programa Literatura en Mi Casa (MEC). Esta observación resultó en un análisis más detallado de la realidad de los maestros y como ellos usaron los recursos literarios como apoyo pedagógico. Después hubo participación de los maestros de la red Estatal de Educación, apuntando la realidad literaria de los estudiantes y sus opciones personales de lectura. Los comentarios de los participantes hizo posible analizar la práctica de los maestros, reconociendo que la lectura es un modo de conocimiento crítico, porque ella permite un universo con valores diferentes, sea por opción elegida de los libros o sea por comprobar que es posible leer libros populares, despertando interés por libros clásicos. Para confirmar este hecho, analizamos los comentarios de los maestros y estudiantes del curso de "Letras-Portugués" y concluimos que la enseñanza de la lectura de la literatura popular induce a los alumnos a seleccionar otros textos, ampliando su repertorio literario. Así, reconocemos que es por la lectura y por la enseñanza de la literatura que nos transformamos en lectores críticos y selectos.

Palabras-clave: Lectura, literatura popular, maestros, estudiantes, apoyo pedagógico.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PNBE _ Programa Nacional da Biblioteca Escolar

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PPA – Plano Plurianual

CONSED – Conselho Nacional de Secretários da Educação

UNDIME – União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação

PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura

IES – Instituto de Ensino Superior

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Escola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Apresentação	10
1.2 Definição do problema.....	12
1.3 Objetivos.....	12
1.4 Justificativa	13
1.5 Metodologia.....	16
2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR	21
2.1 A formação do professor como processo bilateral.....	26
2.2 A formação do professor e as novas propostas de leitura.....	30
2.3 O adolescente perante a literatura	36
2.4 Literatura de massa, livro e leitura.....	44
2.4.1 Literatura de massa.....	44
2.4.2 Livro	50
2.4.3 Leitura.....	51
2.4.3.1 O caráter dinâmico da leitura.....	53
2.4.3.2 O caráter mercadológico da leitura.....	55
2.5 Programa de incentivo à literatura: Literatura em Minha Casa: PNBE.....	57
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	61
3.1 Literatura de massa como incentivo à leitura.....	61
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	94

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do tema

Para se compreender a literatura de massa nos currículos escolares, principalmente de Português, é de fundamental importância detectar o que leva os jovens a lerem algumas obras e outras não. Buscando perceber as nuances envolvidas nesse problema, esta pesquisa, que tem como tema “A literatura de massa como prática docente” _ tema que guarda em si questionamentos importantes que podem contribuir para o professor _ apresenta uma reflexão sobre o tema da literatura de massa no contexto do aluno.

A busca pelos princípios que orientam o professor, como profissional da educação, parte do estabelecimento das relações humanas com o meio, com o trabalho, com a comunidade e com a Universidade. Isso possibilita analisar a educação e o ensino da literatura como elementos fundamentais da leitura de mundo, a qual se pressupõe ser imprescindível para a interação e a inter-relação.

A teoria formulada sobre esse tema deve ser aplicada adequadamente à prática, de modo que a educação cumpra seus objetivos, que são amplos. Esses objetivos consistem no desenvolvimento harmonioso do ser humano, individual e socialmente, o que exige o redirecionamento de nossas capacidades para novos caminhos e outras soluções, as quais sejam eficientes para resolver problemas próprios da realidade atual e surgidos na realidade emergente. Ora, isso certamente implica a formação profissional.

A educação está integrada a todas as nossas atitudes, comportamentos, trabalhos, ações e omissões. Em virtude dessa relevância, surge a preocupação de

dar à educação conteúdo ético que se reflita no ensino-aprendizagem e, dessa forma, em todas as situações da vida do indivíduo.

Tais considerações focalizam a educação e o ensino da literatura de massa: é interessante reconhecer que algo sempre pode ser feito quando a questão é ler e compreender melhor o que se lê. A leitura é a fonte que propicia o resgate do sujeito histórico, crítico e consciente como verdadeiro agente de mudanças das práticas sociais. O exercício da leitura, tendo como base os textos de massa, é fonte para despertar no leitor o interesse por outros gêneros textuais.

Pode-se elencar várias indagações sobre a questão da leitura e do ensino de literatura. entretanto, a questão central para o professorado está em como trabalhar a literatura de maneira prazerosa e eficaz com seus alunos. A maioria dos docentes de Língua Portuguesa e Literatura acreditam que tem a incumbência de ensinar a ler, enquanto que a escola fica com a tarefa de transformar o indivíduo em um leitor.

Sobre isso, Lajolo (1997, p. 07) aponta para o fato de que “ninguém” nasce sabendo ler: aprende-se ler à medida que se vive. Porque ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, enquanto outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida.

Portanto, não basta evocar somente a literatura. É necessário buscar elementos que permitam o desenvolvimento eficaz do trabalho com a leitura. Esse é o compromisso maior dessa dissertação, na medida em que propõe o relacionamento da prática da leitura como estratégia pedagógica.

1.2 Definição do Problema

A base motivadora desta proposta de pesquisa é o estudo da importância da literatura de massa como recurso para o desenvolvimento da prática da leitura. Com base na revisão bibliográfica sobre as teorias e metodologias de leitura e pedagogia, e no do levantamento de informações junto a alunos e professores, além de outros estudos paralelos, poderemos esclarecer questões importantes sobre o tema leitura. Disso decorre o problema central do trabalho: **“Como os professores de Português trabalham com os livros do Programa Nacional da Biblioteca da Escola, de maneira que incentivem a leitura de seus alunos no Ensino Fundamental?”**

1.3 Objetivos

Ao analisar as condições de leitura no Ensino Básico, bem como a formação de professor de Português, esta pesquisa objetiva contribuir no desenvolvimento do gosto pela leitura, para que o professor possa desenvolver um plano específico que contemple o interesse do aluno pela leitura da literatura de massa.

Objetivo geral

Analisar a prática docente, visando conhecer a competência e estimular o prazer de ler, mediante o implemento da literatura de massa, especificamente dos livros do Programa Nacional da Biblioteca da Escola.

Objetivos Específicos

- a) Analisar a formação do professor e o uso da literatura de massa, do ponto de vista do currículo escolar.
- b) Analisar o Programa Nacional da Biblioteca da Escola na prática escolar.

1.4 Justificativa

A dissertação surgida dessa pesquisa pretende discorrer sobre a leitura de textos e sua importância no ensino da literatura. Sua relevância acadêmica está no fato de ser fruto de uma inquietação ao longo de alguns anos de docência. Nesse período, analisamos e observamos as dificuldades, a perplexidade e o discurso das dificuldades em trabalhar com textos de literatura com os alunos do Ensino Fundamental, particularmente quando o assunto em pauta é aquele em torno de que os alunos não se interessam pela leitura.

Temos convicção de que o saber ler requer análise e compreensão. Portanto, ler o que se sabe e o que se entende, como manifestação desse ler e compreender, deve ser uma constante no meio educacional e não uma exceção. Isso exige que o professor abandone o lugar de simples espectador da dificuldade na leitura de textos literários (clássicos ou de massa), ou da ausência desses textos, e se coloque como partícipe nas indagações e propostas que conduzam à melhor maneira de trabalhar com a leitura no Ensino Fundamental. E, se mesmo assim não produzir o resultado esperado, que sirva para a realidade na qual a Instituição de Ensino Superior está inserida. Por meio dessa reflexão, este trabalho, juntamente com a discussão sobre

a formação do professor e o uso da literatura de massa, visa contribuir para a prática em sala de aula e para novas pesquisas relacionadas ao tema.

Pretendemos, pois, investigar a formação do professor do curso de Letras–Português e os aspectos diversos que a questão pedagógica sobre leitura na área de Letras suscita, qual seja a leitura como prazer, a literatura como conhecimento e os elementos que poderão possibilitar melhor planejamento dos currículos escolares.

Além disso, pretendemos evidenciar também que o papel do professor deve compreender, além do domínio da metodologia e do conteúdo, o saber lidar com novas propostas para o trabalho em sala de aula, no sentido de considerar novos padrões de comportamento social, a exemplo da literatura que se torna alvo do mercado.

A crença na educação e na sua responsabilidade nos faz buscar estratégias metodológicas que contribuam para melhorar a aprendizagem dos estudantes. Nesses termos, os compromissos profissionais no magistério são desafiadores e urgentes, principalmente quando nos referimos aos professores e às professoras de português, pois ensinar a ler e a escrever é, antes de tudo, ensinar a ler o mundo, e compreender o contexto como condição para o desenvolvimento social sustentável. Não se trata, pois, de manipulação mecânica de palavras, mas de relação dinâmica com a realidade. A responsabilidade que assumimos como educadores torna-se cada vez mais comprometida com a tarefa de emancipar os educandos. De fato, segundo Schmied-Kowarzik (1983, p.14), o conhecimento crítico proporciona à sociedade a emancipação e a libertação dos indivíduos. Por meio das experiências aplicadas à realidade educacional, os alunos encontram sentido para apreender esse modo emancipatório. Apenas assim a práxis, na visão freireana educacional

transforma e é transformada (FREIRE, 2005, p.58) “é a união que se deve estabelecer entre o que se faz e o que se pensa acerca do que se faz”. A reflexão sobre o que fazemos em nosso trabalho diário, com o fim de melhorar tal trabalho, pode-se denominar com o nome de práxis. É a união entre a teoria e a prática. Conceito comum no marxismo, que é também chamado filosofia da práxis, designa a reação do homem às suas condições reais de existência, sua capacidade de inserir-se na produção (práxis produtiva) e na transformação da sociedade (práxis revolucionária).

A relação que se estabelece entre educação e emancipação, educador e educando, leitor e texto, não é mecânica, porque a leitura é indução, interpolação, extrapolação; a educação é uma arte - ciência que tanto o educador como o educando devem protagonizar na realidade educacional.

Assim, a leitura requer uma prática que supere os modelos e as listas de livros escolhidos pelos professores e impostos pela escola. Diante disso, entendemos que leitura da literatura de massa pode constituir como auxiliar do trabalho docente, como agente de mudanças num processo “emancipatório literário”. É o leitor que irá participar da construção do universo textual. A relação estabelecida entre leitor e obra servirá para despertar o gosto pela leitura.

O trabalho com a literatura na aprendizagem exige que o professor se coloque como partícipe nas indagações e propostas. É na leitura e pela leitura que o professor se aprofunda no conhecimento científico, contemplando, dessa forma, a literatura de massa como um recurso auxiliador, o qual se materializará na metodologia de ensino.

1.5 Metodologia

Este trabalho assume a metodologia da pesquisa qualitativa realizada com professores de português para investigar o conhecimento e a prática inerentes à leitura.

De acordo com Triviños (1987, p.128), a pesquisa é caracterizada como qualitativa por: a) ter ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; b) ser descritiva; c) manter o pesquisador preocupado com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; d) permitir a análise indutiva dos dados; e) ter como preocupação essencial o significado dos dados.

A abrangência da metodologia possibilita analisar o problema em um contexto global, permitindo evidenciar a multiplicidade de variantes que envolvem a formação docente. Pretendemos, também, analisar a realidade de alguns alunos, futuros professores de português, que já atuam ou pretendem atuar como docentes na Educação Básica.

Optamos pela abordagem qualitativa com o emprego da pesquisa documental e da entrevista semi-estruturada. Segundo Marconi e Lakatos, na pesquisa documental

a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. Utilizando essas três variáveis - fontes escritas ou não; fontes primárias ou secundárias; contemporâneas ou retrospectivas – podemos apresentar um quadro que auxilia a compreensão do universo da pesquisa documental (LAKATOS e MARCONI, p. 175, 1995).

Para essa modalidade de pesquisa, é necessário também recorrer às fichas, às fontes estatísticas e aos formulários. Utilizamos a pesquisa documental em razão da necessidade de interpretar o grande volume de documentos sobre leitura da literatura de massa e a formação do professor de português na Educação Básica.

Analisaremos os dados do Programa Literatura em minha casa (FNDE), tendo como referência o ano de 1997 / 1998 (início do programa) e o ano de 2006 (ano da pesquisa). Além disso, procuraremos, por meio de questionamentos, das entrevistas e dos dados coletados nos documentos, analisar esse Programa de incentivo à leitura, como um recurso disponibilizado para as escolas públicas.

Partindo do estudo documental, Antônio Carlos Gil (1996, p.42) também faz esclarecimento sobre a semelhança entre análise documental e bibliográfica, informando que a natureza das fontes é o elemento de diferenciação entre elas. A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, sendo as fontes diversificadas. Por outro lado, a pesquisa bibliográfica pode ser realizada quase exclusivamente com materiais disponíveis em bibliotecas. Diante disso, buscamos, por meio da pesquisa qualitativa, obter informações no contato direto da pesquisadora com os entrevistados, investigando o posicionamento dos participantes com relação ao tema e, principalmente, como utilizam o material do Programa Literatura em minha casa (FNDE/MEC).

As características propostas por Lakatos e Marconi (1995) sobre a pesquisa documental propiciam o rigor necessário e possível à pesquisa qualitativa. Reforçando esse comentário, cabe a contribuição de Chizzotti, quando cita que “na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas

como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam” (CHIZZOTTI, 2003, p.83).

A participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa é relevante para identificar os problemas e as possíveis dúvidas que o pesquisador possa ter durante a coleta de informações. É importante a participação do professor atuante, pois dá-nos parâmetros para analisar a realidade escolar e a formação do professor de Português.

Nesse sentido, optamos por utilizar como instrumento de pesquisa as entrevistas semi-estruturadas, pois o indivíduo não valoriza apenas o raciocínio lógico, mas igualmente o envolvimento emocional, algo extremamente complexo, não-linear, dinâmico e sempre contraditório. A informação qualitativa torna-se mais nítida porque podemos, a partir do roteiro, no momento da entrevista decidir quando e em que seqüência será feita as perguntas, sempre considerando sujeito e objeto como partes integrantes do processo comunicativo.

O encaminhamento da investigação necessita transcorrer de modo flexível. Para que isso ocorra, levaremos em conta a possibilidade de fazer simulações da dinâmica a ser empregada, como um ensaio; ou ainda, promoções de conversas informais para se ter autoconfiança e perceber as dificuldades que poderão ocorrer.

A melhor opção, nesse caso, são as entrevistas semi-estruturadas, uma vez que, durante seu encaminhamento, o pesquisador precisa tomar decisões em função do objeto de investigação. Nesse sentido, Chizzotti acrescenta ainda que

é importante o pesquisador saber claramente as informações que busca, o objetivo da pesquisa e de cada uma das questões, o que e como pretende esclarecer suas interrogativas. É uma tarefa que exige critério e planejamento para exaurir todos os objetos dos dados que se quer obter (CHIZZOTTI, 2003, p.55).

Como os objetivos, as expectativas e as preferências dos protagonistas constituem-se como elementos privilegiados da pesquisa qualitativa, excluem-se relações lineares de causa e efeito, situando-se essa investigação numa perspectiva de interação entre o pesquisador, o contexto a ser pesquisado e o tema.

Diante do papel ativo dos protagonistas da pesquisa, assumimo-nos como agente pesquisador da importância da leitura e da literatura de massa no currículo escolar. Dessa forma, o tema em questão nos permite uma imersão no contexto acadêmico e na prática educativa, principalmente porque a criação do Programa Literatura em minha casa possibilitou que os alunos do Ensino Fundamental tivessem maior acesso à leitura.

Em relação à maximização da confiabilidade da pesquisa com abordagem qualitativa, Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (2002, p.171) alertam o pesquisador que, ao adotá-la, demonstre preocupação com o rigor que deve conduzir sua investigação. Para tanto, critérios como validade interna, validade externa e fidedignidade, utilizados nas pesquisas tradicionais, foram traduzidos para a pesquisa qualitativa.

Utilizamos também alguns dos seguintes critérios propostos por Alves-Mazzoti e Gewandsznajder:

- a. credibilidade (os resultados e interpretações feitas pelo pesquisador são plausíveis para os sujeitos envolvidos?);
- b. transferibilidade (os resultados do estudo podem ser transferidos para outros contextos ou para o mesmo contexto em outras épocas?); c) consistência (os resultados obtidos têm estabilidade no tempo?); d) confirmabilidade (os resultados obtidos são confirmáveis?) (apud ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 2002, p. 171)

As contribuições da pesquisa científica na área de Educação auxiliam a prática educativa, trazendo alternativas e instrumentos de pesquisa que são imprescindíveis para a atuação em sala de aula. Sendo assim, buscamos refletir sobre o papel do professor de Português da 8ª série de duas escolas do sistema estadual como agente na formação de alunos leitores ativos e participantes do contexto social, pois a realidade literária é uma construção social da qual somos protagonistas. Isso se deve ao fato de que pensar novas formas do fazer pedagógico implica necessariamente problematizar a prática didática.

O resultado das entrevistas semi-estruturadas com professores de Português do Ensino Fundamental possibilitou a compreensão da prática com a leitura, permitindo traçar paralelos com outras práticas na escola voltadas ao desenvolvimento da consciência crítica dos alunos. Repensar a sociedade é assumir a educação como condição fundamental para a construção plena da cidadania. É por meio da educação que se toma consciência de que vivemos em sociedade, o que nos impõe deveres e garante direitos. Cabe à escola, então, um comprometimento de sua ação, investindo nas forças construtivas que fazem dela um instrumento para se atingir a cidadania.

É nesse contexto crítico e de extrema importância que a educação proporciona o conhecimento das diversidades sociais, tendo a literatura como suporte reflexivo. É preciso construir uma humanidade renovada, valorizando o ser humano. O ser humano vive em permanente e dinâmica relação dialógica com a natureza, logo, uma relação em constante transformação e construção. Concordamos, pois, com Freire (2000, p.30), que não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem o desejo da vida, sem a construção do saber, sem a leitura do mundo e da existência humana. Ora, como

objeto de pesquisa da Pedagogia, julgamos procedente o estudo analítico da literatura de massa.

Diante de tantos desafios atuais e futuros, a formação do leitor constitui condição para que a humanidade conquiste a liberdade, a equidade e a justiça social, como a utopia imprescindível de um mundo novo, viável, conforme a cosmovisão freireana.

2 A formação do professor

A Pedagogia é a ciência que estuda a educação. Tema complexo e muito discutido para aqueles que, de alguma forma, procuram entender o processo educativo e a sua implicação como processo estruturante do ser humano.

Nesse sentido de educação para a vida, Kant (2004, p.11) refere-se ao homem como única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Isso o torna mais educado e consciente de sua função em sociedade. A educação como arte, na visão kantiana, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações, demonstra que professor e aluno devem trocar conhecimento. Essa troca de experiências e de valores culturais se reflete na transformação social.

Os professores devem tornar o conhecimento escolar relevante para a vida de seus estudantes, de forma que tenham voz, ou seja, devem afirmar a experiência estudantil como parte de encontro pedagógico, fornecendo conteúdo curricular e práticas pedagógicas que tenham ressonância com as experiências de vida dos estudantes (GIROUX, 1997, p.142). Nessa perspectiva, ensinar não é apenas

transferir conhecimento, mas fundamentalmente criar possibilidades para a produção e construção do conhecimento.

Para cumprir seu objetivo básico, que é determinar a natureza do ensino-aprendizagem, a metodologia aqui discutida se ocupa da realidade do estudante e da formação do professor. Por isso, ramifica-se em duas direções:

1) procura analisar a prática de trabalho que vai desde a delimitação dos conceitos sobre literatura de massa até a discussão e formação dos professores de Português, e é nesse âmbito que surgem as diversas controvérsias relacionadas à teoria e à prática;

2) procura observar a prática das leituras em duas escolas da rede pública de educação da região Metropolitana de Curitiba, buscando detectar como é realizado o trabalho com os livros financiados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/ Ministério da Educação (FNDE/MEC) do Programa Nacional Biblioteca Escolar (PNBE).

Embora seja verdade que, historicamente, a leitura tenha criado um público de classe específica por causa das habilidades técnicas e críticas necessárias para dela fazer uso, o mesmo não pode ser dito da cultura visual que praticamente eliminou qualquer dependência de um público de classe específica para usar tecnologia ou entender suas mensagens.

Numa sociedade visual, pensamos na leitura como propulsora do desenvolvimento das capacidades de o indivíduo responder ativamente aos problemas que a vida em sociedade apresenta, mas isso só acontece com a formação centrada na diversificação literária (ora clássica, ora de massa). E, por meio das respostas aos problemas, deverá ainda distinguir as intencionalidades literárias implícitas nas obras, pois é importante conhecer o universo da literatura e

com ela descobrir as diversidades textuais, as quais enriquecem a existência humana. Para tanto, é necessário existir um “magistério da ação, o qual tem a ver com as tensões, os desequilíbrios, os sofrimentos e os anseios entre as pessoas na escola e na sociedade, tecidos de unidade e diversidade, dependência e autonomia (TESCAROLO, 2003 p.117).”

De outra forma, podemos afirmar que o professor é diferencial no processo de ensino-aprendizagem, pois é seu dever fazer com que nasça o desejo de aprender; sua tarefa é criar o enigma ou, mais exatamente, fazer do conhecimento a luz do saber: comentá-lo ou mostrá-lo suficientemente para que se entreveja seu interesse e sua riqueza. Se tivéssemos que definir por uma fórmula as atitudes didáticas da ação pedagógica, diríamos que o professor propõe, observa e regula as atividades dos alunos.

As novas maneiras de proceder com os alunos exigem pressupostos que partem do professor, oferecendo para a descoberta outras opções do pensar o aprender. Segundo Giroux (1997, p.117), se a escola não cumprir o papel de formadora de uma cultura crítica, quem o fará é a cultura de massa que “reduz o pensamento e a experiência em mera condição de espectador”. Isso demarca o pensamento crítico como base para a reflexão, e que revela a visão crítica da leitura exige do estudante um conhecimento externo à prática, o que possibilitará a compreensão da realidade interior para transformá-la. Assim, o processo de aprendizagem passa a integrar o sujeito e o objeto, produzindo os saberes auxiliares de seu próprio agir, haja vista que o mundo contemporâneo exige formação continuada, inteligências múltiplas e competência para sobreviver profissionalmente.

Em outra análise, mesmo na atual conjuntura histórica, a leitura, tanto no ensino básico como no superior, oferece oportunidades para o desenvolvimento e análise crítica, para o conhecimento de mundo. A cultura impressa é acessível e barata, e seus materiais podem ser produzidos e fabricados pelo público. A leitura em grupo, bem como a leitura solidária, proporciona o espaço e distanciamento 'privado' raramente oferecido pelas culturas eletrônicas e visuais. As tecnologias dos materiais impressos contêm a promessa imediata de transformar as pessoas em agentes sociais que possam manipular e usar o livro, o jornal e outras formas de comunicação impressa para seu próprio benefício; contêm a promessa de emancipação. A cultura impressa permite o desenvolvimento de métodos de conceitualização e organização social que poderiam eliminar o papel atual dos meios visuais e eletrônicos com grande força de persuasão.

Concordamos com Foucambert (1998, p.56) quando afirma que formar professor é descobrir o conjunto dos instrumentos que contribuem para a formação do leitor, compreender o que os especifica, bem como o que os une, situar-se e dar-se meios de agir sobre eles e transformá-los.

O papel do professor é considerado imprescindível, pois é o mediador entre os conhecimentos historicamente construídos e em construção. Os alunos têm como função fazer a reavaliação e ligação desses conteúdos com (e a partir dos) saberes adquiridos, possibilitando que ambos exerçam cidadania consciente, crítica e participante, o que implica um trabalho pedagógico crítico do social, no sentido de reformar o método até então aplicado.

No Ensino Superior, observamos que o papel do professor, com relação à No Ensino Superior, observamos que o papel do professor, com relação à formação

profissional, é o de atuar de maneira a contemplar as diferentes formas literárias; criando e analisando sua função no contexto educacional.

Morin (2001, p.22) aborda a questão docente e o papel do profissional da na sociedade do conhecimento como se fosse um *círculo da docência*, não devendo fechar-se, como uma cidadela sitiada, sob o bombardeio da cultura de mídia, exterior à escola, ignorada e desdenhada do mundo intelectual. O conhecimento dessa cultura é necessário não só para compreender os processos multiformes de industrialização e supercomercialização culturais, mas também o quanto das aspirações e obsessões próprias ao nosso *espírito de época* é traduzido e traído pela temática das mídias.

A relação indústria, como cultura de massa, e professor produz como resultado um mundo fechado, isolado daquele em que vivemos. Esse mundo escolar, no qual lemos textos que cada vez menos se relacionam com a nossa experiência concreta exterior, tem se tornado cada vez mais circunscrito. Por isso, acreditamos que a leitura da literatura de massa é auxiliadora do professor no processo de ensino-aprendizagem da leitura.

O desenvolvimento da sociedade é importante para se entender as questões que envolvem o gosto dos leitores. Para compreender esse processo, é interessante discutir e analisar o sentido literal, compreendendo suas diversas dimensões textuais e, finalmente, a doutrina que se expressa por meio do texto.

As escolas, de maneira geral, tornam-se lugares que ensinam a ler apenas as suas próprias palavras, em detrimento das palavras reflexivas/ críticas dos seus alunos.

Sabemos que não é uma tarefa simples formar professores e transformar a escola. Partimos do princípio de que um bom professor é aquele que lê, o que

implica a necessidade de desenvolver as competências de compreensão e reflexão fundamentadas na realidade educacional e que principalmente a capacidade de ler o mundo propicia.

Formar professor é, pois, uma tarefa árdua. Para reforçar essa idéia, afirmamos como Freire, para quem “não há docência sem discência”. Professores leitores, comprometidos com o ensino e vislumbrando a formação de novos leitores. Profissionais que sejam capazes de responder aos desafios das transformações sociais. Afinal, o papel das Instituições de Ensino Superior é o de formar profissionais capazes de analisar situações complexas, tomando como referência diversas formas de leitura, refletindo sobre o processo de ensino da literatura de maneira crítica.

2.1 A formação do professor como processo bilateral

É preciso não esquecer que, para se compreender a natureza e o processo da educação, parte-se da ação reflexiva sobre a prática e a teoria. Para Sandkühler Stiehler, a teoria, como reflexo da realidade material,

é, a um tempo, uma parte desta realidade, determinada imediatamente determinante para a práxis humana, graças à sua compreensão conformidade às leis da realidade. Assim a prática se torna fundamento e referência da verdade da teoria que a reflete, e a teoria se converte em órgão de representação e instrumento de orientação da práxis (*apud* SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.21).

A ação educativa, integrando dialeticamente, teoria e prática, reflete o agir e o pensar no papel do professor como sujeito participante, ativo do processo de transformação da sociedade, o que lhe atribui a condição de agente privilegiado da mudança, embora seja também sujeito dela. A tarefa nuclear da docência é propiciar

aos alunos condições para construir com o conhecimento, e não apenas consumir informações.

Também Marguerite Altet (2001, p.72) apresenta a prática e a teoria como um processo dialético. A análise das práticas é um procedimento de formação centrada na análise e na reflexão que produz reflexão sobre a ação e constrói os saberes de ação. Já a relação complexa prática-teoria-prática se alimenta de saberes intermediários para nomear, interpretar, distanciar-se das práticas, das situações, das interações pedagógicas, dos instrumentos de formalização e de apropriação da realidade produzidas pela leitura.

Talvez não seja difícil perceber que a pedagogia, ocupando-se do estudo das teorias e das práticas educativas para cumprir seu papel básico, qual seja o de determinar a natureza da educação e o funcionamento do processo de ensino, deve sempre considerar dois processos interdependentes:

a) a prática, que tem como primeira fase as experiências cotidianas da profissão, contextualizadas e adquiridas em situação de trabalho, o que exige toda uma reflexão sobre os saberes empíricos, ou seja, aqueles conhecimentos oriundos da experiência;

b) a teoria, processo dinâmico, ativo e complexo que implica o saber teórico, constituído pela ciência e pela didática, saber ser ensinado e saber para ensinar.

No plano da formação do professor, compreendemos, concomitante, uma teoria associada à prática e uma prática decorrente de uma teoria. A formação do profissional de Letras pode ser percebida como um processo organizado pela pessoa que aprende, orientada no sentido da transformação do aprendiz e da importância da leitura na vida do estudante.

O ofício de professor tem como eixo certos conceitos teóricos, os quais, paralelamente à prática, integram as situações vividas (fictícias ou reais) e as teorias que tentam explicá-las pelas generalizações dos processos de ensino de literatura.

As Instituições de Ensino Superior devem proporcionar condições de formação favoráveis a que, o futuro professor possa tirar partido das experiências vividas em campo e reinventar, na prática, o benefício de uma formação profissional centrada e comprometida com o desenvolvimento humano e intelectual. A formação é concebida de forma a auxiliar o professor a realizar a construção de novos conhecimentos e às suas utilizações em sala.

O profissional de Português deve compreender as situações de trabalho, identificar seus componentes, analisá-los e interpretá-los em função de teorias pessoais ou coletivas; revisar as práticas de ensino de literatura; identificar as rotinas, as decisões tomadas; ampliar seu repertório de competências profissionais, a partir de uma confrontação com outras possíveis.

No currículo acadêmico do curso de Letras-Português da IES (Instituição de Ensino Superior) investigada, percebemos que existem disciplinas que tratam de várias temáticas da Literatura, como “Fundamentos da Literatura e estudo da Literatura e sua inserção nas outras linguagens artísticas; a questão dos gêneros); Arte e Cultura (os diversos conceitos de cultura; a arte como manifestação cultural; a pluralidade cultural brasileira; a cultura brasileira e suas tendências: tradição e renovação). Temas da Literatura Portuguesa (a “invenção” de Portugal; entre a literatura e a história, diferentes formas de pensar a cultura e o passado: o documento, a criação estética e o argumento). Prática Profissional: Literatura na Educação Básica (questões sobre o ensino da Literatura no Brasil; natureza e função da literatura para crianças e jovens; projetos e atividades de estímulo à

leitura literária); Literatura Nacional (A identidade brasileira e seu reflexo na literatura nacional, nos textos de diferentes períodos, escritores e gêneros literários); Poesia na Literatura Portuguesa (Estudo da poesia portuguesa: tradição e vanguarda; a poesia como motivação filosófica; a metapoética); Literatura Brasileira do Romantismo ao Modernismo (movimentos e momentos cruciais da literatura brasileira nos séculos XIX e XX, em sua relação com questões da identidade nacional; tradição e ruptura); Ficção na Literatura Portuguesa (a ficção portuguesa: temas da nacionalidade; a cosmovisão portuguesa; o regional e o universal; a problematização da temática amorosa); Prática Profissional: Literatura na Educação Básica (O texto literário no Ensino Médio; projetos e atividades de estímulo à leitura); Oficina de crítica literária (análise de textos literários diversificados e produção de resenhas e outras críticas, segundo diferentes correntes literárias da atualidade, visando formatos adequados a múltiplos veículos de divulgação escrita ou eletrônica); Literatura Brasileira do século XX (realizações, tendências e problemáticas recorrentes da produção ficcional, poética e teatral da literatura brasileira do século XX; propostas de experimentação).

De acordo com as ementas do curso de Letras – Português, o ensino da Literatura é destacado em praticamente todos os semestres, diversificando as temáticas de cada disciplina. Após análise do documento ementário do curso, percebemos que o tema literatura de massa não está explicitado na ementa de cada disciplina, porém existem aproximações de possíveis discussões como é o caso das disciplinas de Prática Profissional: Recepção e Produção de textos na Educação Básica, Prática Profissional: Literatura na Educação Básica, Oficina de Crítica Literária. Dessa forma, não há de fato espaço privilegiado para o tema aqui discutido, nada além de meros recortes textuais.

A utilização dessas disciplinas como ponto de referência, certamente, poderia ser o caminho para analisar de maneira mais detalhada textos de massa, firmando dessa forma a nossa discussão a respeito da importância de a literatura de massa estar inserida no contexto curricular.

2.2 A formação do professor e as novas propostas de leitura

A discussão acerca da formação do professor e o uso da literatura de massa é uma forma de despertar os “olhos” do professorado para o material disponível, enviado pelo Ministério da Educação e, principalmente, para sua utilização no apoio pedagógico.

Além disso, o Programa Nacional da Biblioteca Escolar compõe várias outras ações de incentivo à leitura, como Casa da Leitura, Biblioteca do Professor, Biblioteca Escolar, Literatura em minha casa, Palavra da gente. Neste trabalho, analisamos apenas o Programa Literatura em minha casa como recurso e principalmente como oportunidade para o aluno ter acesso aos livros de Literatura Brasileira e Estrangeira. Esse material financiado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) possui um acervo muito rico, com obras clássicas reestruturadas e acessíveis aos dois segmentos escolares (alunos do Ensino Fundamental, 8ª série e 4ª série). Todos os anos são enviadas coleções diferentes, as quais passam a ser propriedade permanente dos estudantes.

É interessante que o Programa Literatura em minha casa envolva, de modo geral, aluno e professor na prática da leitura nos diferentes espaços escolares em que estão inseridos.

É pouco usual, nos estudos literários, uma classificação que inclua a leitura da literatura de massa. Muniz Sodré (1998, p.06) faz referência à literatura de massa como uma leitura que não possui suporte acadêmico. Sua produção é para o mercado consumidor. Contudo, não se pode ignorar o poder que esse tipo de leitura tem sobre seus leitores. Mediante a prática da leitura o consumidor dessa literatura poderá ter consciência da necessidade de tornar a leitura, independentemente do gênero, uma atividade caracterizada pelo engajamento e pelo uso do conhecimento, ao contrário de mera recepção passiva de outras mediações visuais. O conhecimento textual e o conhecimento de mundo são ativados durante a leitura para que se possa chegar à compreensão. A leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, nas lembranças, nos conhecimentos e, principalmente, de auto reconhecimento.

Logo, os acervos literários distribuídos aos estudantes da rede pública de ensino servem como suporte na relação que se estabelece entre educação e emancipação, educador e educando, texto e leitor. Isso não ocorre apenas de forma mecânica, mas com integração e desejo, pois ler é induzir, interpolar, extrapolar. A leitura e a educação se compreendem como arte na qual tanto educador como educando devem ser protagonistas da realidade educacional.

A leitura desses acervos requer uma prática que extrapole os modelos, lista de livros escolhidos pelos professores, estabelecidos pela escola, mas que possa ser utilizado na extrapolação do ato de ler, visando o aprender para a vida.

A literatura de massa pode ser, portanto, nesse processo, um meio que auxiliará o trabalho docente, como agente de mudanças num processo emancipatório. Assim, o leitor que participa da construção do universo literário, constrói também reflexões sobre o conhecimento. Mas também é importante

preparar o professor para formar leitores comprometidos com o universo da leitura, objetivando a experiência literária partilhada.

As diversidades literárias são recursos que propiciam ampla análise textual, favorecendo conexões múltiplas, análise e síntese, pois é na leitura e pela leitura que o professor e o aluno se aprofundam no conhecimento literário. O aluno passa a contemplar a literatura de massa como um recurso auxiliador, enquanto o professor desenvolve, com as experiências e conhecimentos dos alunos, atividades significativas, favorecedoras da compreensão do que está sendo feito por meio do estabelecimento de relações entre escola e o meio social.

Em outras palavras, é mediante a pesquisa e a leitura que os professores poderão utilizar esse recurso como meio de comunicação – leitura de massa, no sentido de possibilitar um espaço de discussão crítica com os alunos. É necessário pensar na formação dos jovens leitores, pois eles, em sua maioria, estão inseridos num processo maniqueísta, carentes de compreensão crítica.

A proposta aqui apresentada se apresenta como uma alternativa de trabalho para os conteúdos de literatura, elevando-a à condição de matéria específica dentro da escola.

Zilberman (2001, p.9), tratando dos desafios do professor no novo milênio, preconiza o professor-leitor como alguém que dispõe de uma habilidade desligada de seu dia-a-dia, razão pela qual sua destinação não se esclarece durante a leitura. Isso se percebe quando a leitura é tratada apenas como objeto de análise, homogeneizada, ignorada como texto e como fonte de conhecimento real, de conexão entre a sala de aula e a sociedade. É nessa perspectiva de análise de mundo, de leituras diferentes, de uma construção ativa e de interação que a

literatura de massa poderá servir como suporte para se chegar a outros textos clássicos, textos literários de acordo com as regras clássicas da literatura.

O tema literatura tem sido muito prestigiado, alvo de elogios e manifestações de apreço, e juntamente com ela põe-se em evidência a leitura a qual nunca foi tão prestigiada como agora, mesmo porque a sociedade como um todo tem acesso, por meio de diferentes fontes, a livros de todos os gêneros, facilitando as análises de textos.

Nesse sentido, a literatura e a leitura merecem destaque nas instituições de ensino, pois, na maioria das vezes, essas duas temáticas são tratadas isoladamente em relação a obra e o mundo social. O ato da leitura deve se fixar nas relações entre os homens e entre os homens e o mundo. A literatura apresenta vários mundos sonhados pela tecnologia, com seres artificiais, construídos em laboratórios.

É interessante citar que, nos séculos XVI e XVII, a leitura das obras de Shakespeare era considerada uma atividade vulgar, pois destinava-se, na época, a bêbados e desordeiros. Séculos mais tarde o mesmo autor tornou-se um ícone da literatura clássica mundial, abrindo espaço para infinitas discussões acadêmicas.

Por isso, discutir literatura é abrir os olhos, ler livros e meditar sobre o que é literatura. É, também, fazer da literatura de massa um meio para outros textos literários. Sabemos que ainda existe certa hesitação em contemplar os textos de massa no ensino de literatura. A respeito disso, Marisa Lajolo nos apresenta o seguinte exemplo:

Um professor de literatura inglesa contemporâneo de Shakespeare (1564 – 1616) ficaria espantado se lhe dissessem que Shakespeare era literatura. ‘Impossible! Never! Aquele sujeitinho que escreve peças cheias de bêbados e desordeiros, e que é aplaudido por platéias fedidas e barulhentas?’ Alguém hoje duvida que Shakespeare seja literatura com ele maiúsculo e tudo? Aprenda então o vivíssimo leitor que ser ou não ser literatura é

assunto que se altera ao longo do tempo e desperta paixões! (LAJOLO, 2001, p.12).

A literatura pertence a variados mundos que nascem das várias leituras. Tudo o que lemos e ouvimos evoca sensações. Os universos do escritor e do leitor podem ou não coincidir, pois o jovem leitor tem indagações secretas, procura respostas em todos os momentos e situações. O escritor, com sua obra, proporciona ao leitor a liberdade e a riqueza interior, conduzindo a arte de ler numa atividade prazerosa, com elementos ricos que fertilizam e ampliam o campo da aprendizagem.

A literatura, elo entre gerações e culturas, impulsiona a abertura para uma consciência universal, capacitando a mente para receber e transformar os valores humanos; reaviva experiências humanas de toda a história; torna-se um canal de comunicação entre as gerações e culturas. Solidificado pela cultura universal, o adolescente sai do seu limitado mundo, elabora seu universo cultural e cria uma nova mentalidade.

Cada cultura e cada época produzem literatura que contém os ingredientes ideológicos e estéticos do momento. No contato com essa literatura, o leitor recebe inúmeros elementos educativos que contribuem para formação integral. Nesse sentido, repensar as narrativas, elegendo a leitura da literatura de massa, é a base para uma prática transformadora, valorizando as novas produções culturais e os novos públicos leitores.

Contudo, vale reiterar que tornar o hábito da leitura uma prática no dia-a-dia do aluno é uma tarefa desafiadora para o educador e para as instituições de ensino.

Santaella (2001, p.174) aborda a questão da comunicação massiva tendo como escopo o best-seller e suas interfaces, o qual levou à implosão dos sentidos, à

perda do real em um mundo fantasmagórico, povoado de simulacros. A realidade está cada vez mais sendo convertida em signos vazios, anulando-se dramaticamente a capacidade de resistência a esse esvaziamento. Todas as dimensões da vida contemporânea estão sendo invadidas por objetos e experiências artificialmente produzidos, signos vazios que não têm mais relação nenhuma com a realidade.

O emissor-escritor manifesta, muitas vezes, a intenção de comunicar “para alguém”. Isso exige todo um trabalho interior, para organizar o material a ser expresso. Esse complexo comunicativo também permite uma grande edição de livros, demonstrando o atual contexto de consumo “literário”.

Cabe ao leitor, de forma criativa, reconhecer, interpretar e organizar o conteúdo expresso pelo escritor. A articulação entre o escritor e o leitor permite reforçar a compreensão dos fenômenos da vida, indo mais fundo e permitindo que o leitor se posicione criticamente, o que constitui uma das finalidades básicas do ensino da literatura, que, pedagogicamente, tem a função de instigar reflexões e gerar aprendizagens.

O resultado dessas reflexões deve melhorar o trabalho educativo, principalmente do ensino da literatura o que, para Zilberman e Silva (1997, p.24), pode ser tudo ou nada, dependendo da forma como for apresentada e trabalhada em sala de aula. Será tudo se conseguir unir sensibilidade e conhecimento. E será nada se todas as suas promessas forem frustradas por pedagogias desencontradas. Sodré (1998, p.17) destaca o best-seller como um recurso para se incentivar a leitura, embora não ignore que ele pode anular, em alguns casos, a capacidade de analisar de forma crítica as questões relacionadas à sociedade. Afinal, para se compreender determinados gêneros literários é necessário discutir as diversidades

culturais e a realidade social. Logo, segundo esses autores, o best-seller pode servir como meio para discussões que contemplem o gosto dos leitores.

Vivemos em uma sociedade de poucos leitores: lê-se pouco e interessa-se mais por leituras curtas e narrativas simples. É preciso utilizar as diversas formas para atrair o leitor, despertar o interesse e o prazer de interagir com a narrativa. A respeito disso, Terzi (1995, p.13) faz algumas referências sobre a leitura e o processo estratégico, considerando a leitura como desprovida de regras e formadora de sentidos. É uma atividade em transformação qualitativa que reage, reinventa, resiste e reforça a importância do ato de ler como poderosa fonte de formação de sensibilidades e de ampliação da visão de mundo.

2.3 O adolescente e a literatura

“Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. Era ficção porque a história fora reinventada pelo curador; era história porque recontava o que acontecera no cosmo, num momento passado; era vida real porque eu era real e não uma personagem de romance.”

Umberto Eco

A literatura, para qualquer público, pode ser arte, beleza e emoção. Portanto, se destinada ao adulto ou à criança, nada impede que possa agradar ao adolescente. O material literário que o adolescente lê com prazer deleita, instrui, educa, desenvolve a imaginação, a observação, a inteligência, o gosto artístico que estabelece uma relação íntima entre o mundo da fantasia e a realidade. O adolescente, ao ter contato com a literatura, amplia as formas de ver, ouvir, sentir, interpretar e reinterpretar.

O adolescente, ao entrar em contato com a literatura, seja em prosa, seja em verso, tem a oportunidade de se desenvolver integralmente _ emoção e razão _ penetrar no conhecimento, ampliar os horizontes culturais e perceber a si e o mundo.

Existe entre os adolescentes o desejo cada vez mais forte de acessar as diferentes formas de cultura (teatro, cinema, música). Então, é interessante levar essa cultura para a sala de aula como complemento às aulas de literatura.

A indicação de leituras distanciadas da prática social do estudante, para quem a literatura é, em princípio, um conjunto de palavras sem sentido, por certo, tornará a aprendizagem frustrante. É importante, pois, que o professor conheça a realidade de seus alunos. Esse conhecimento prévio configurará o tipo de público existente, a partir do qual se pode selecionar e organizar as práticas de leitura mais significativas. Destaque-se o conhecimento dos títulos de livros que eles receberam do Programa Literatura em minha casa, das experiências anteriores do aluno, dos códigos estéticos e ideológicos de que se vale no ato da leitura baseada no desejo. Ler é estar apaixonado, é abrir-se para o imaginário, é sair transformado de uma experiência de vida, mas é necessário incentivo e estratégia para se formar leitores.

A partir do conhecimento prévio do desejo de seus alunos e do material colocado à sua disposição, o professor poderá sustentar seu trabalho em objetivos mais ambiciosos: não apenas satisfazer os interesses de cada um, mas aguçar-lhes a curiosidade para textos que representem a realidade de forma cada vez mais abrangente e profunda.

Esse processo vai atingir, além do material escolhido, também as atividades diversificadas, começando pelas mais simples e cotidianas, que requerem comportamentos previsíveis até a gradativa inserção de alternativas de trabalho

mais exigentes, nas quais o estudante deva participar do planejamento e de todas as etapas de execução. A leitura da literatura de massa, nesse contexto, transforma-se numa interação entre professor e aluno, na qual ambos dividem responsabilidades, além de analisarem e compararem as diversidades textuais. Dessa forma, o estudante não desempenha um papel de elemento passivo no processo; ao contrário, é instigado à ação e ao comprometimento com o ensino de literatura, propiciando maiores oportunidades de se firmar como cidadão ativo e crítico. Esse alinhamento do estudante com toda a dinâmica do processo literário concretiza-se na compreensão e no entendimento do que ele está lendo.

Assim, quebrando o sentido da obrigatoriedade, a leitura perde o ranço escolar e se converte em ato prazeroso e estimulante. Foucambert faz referência ao leitor como alguém que

deve querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciada de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico (FOUCAMBERT, 1994, p.30).

Aprofundar o sentido da vida de nossos alunos, partindo de suas realidades, é importante para que eles ampliem e aprofundem conteúdos que lhes permitam compreender a realidade de diversas maneiras. É preciso esclarecer aos estudantes a importância da literatura de massa, mas não esquecendo as contribuições da literatura clássica para o conhecimento histórico e social. O valor da leitura dado pelo fato de ser ela um instrumento de comunicação entre os homens, de constituir-se em patrimônio histórico-cultural, veículo pelo qual o aluno estabelece relações entre o passado e o presente.

É interessante garantir aos alunos o conhecimento de vários assuntos e que os compartilhem socialmente. É a literatura que possibilita o desenvolvimento desse trabalho de reflexão a respeito da leitura, ressaltando, assim, o seu papel social. Diante disso, a aprendizagem da leitura é fundamental para a integração do indivíduo no seu contexto social, econômico e cultural. Sendo assim, a atividade do professor deve orientar-se no sentido de promover a leitura entre os alunos, sempre considerando que seu trabalho se movimenta dentro de um determinado currículo escolar.

Uma visão ampla de currículo privilegia a ação do professor como desencadeadora do desenvolvimento do pensamento, da reflexão e da crítica, uma vez que a leitura faz parte do cotidiano, indo além da habilidade de decifração de sinais aprisionados em uma perspectiva técnica. Mais do que isso, ela promove novos saberes no encontro entre o texto e o leitor.

A interação texto/leitor é o exercício interpretativo do significado mais profundo da literatura, na medida em que revela a forma como cada autor, em sua escrita lacunar e polissêmica, instiga o leitor a penetrar nos mistérios da condição humana. Seguir as pistas deixadas pelo texto, experimentando sua virtualidade estética, é uma forma de transgredir o tipo de leitura mediada comumente pela escola.

A leitura da literatura de massa no espaço escolar é tarefa de construção de novas formas de lidar com o gosto do jovem leitor em relação à literatura, bem como de desconstrução das listas e regras que a pedagogia teima em prescrever, segundo a classificação das obras em escolas e gêneros literários, isso sem falar mencionar fichas de leitura. Nessa concepção, remetemo-nos à articulação de novos processos para a construção do conhecimento, refletindo sobre a necessidade de se

discutir esse tipo literário. A crise da leitura é oportunidade para se refletir sobre as mudanças necessárias nos métodos didáticos da escola, a qual desempenhará o seu papel se a leitura for uma questão da coletividade, e não exclusivamente disciplinar.

Ler é adivinhar, é ser seduzido para um novo pensar, um refletir, e principalmente um transformar. Nessa perspectiva, Mauro Wolf (2001, p. 173) afirma que “muitas vezes, as comunicações de massa exercitam a persuasão”, fenômeno que estuda o tipo do público. Isso porque muitas vezes há necessidade de satisfazer a auto-realização, autogratificação. Desse modo, o indivíduo pode comprar ilusões e sonhos, os quais serão reforçados pelos argumentos repetitivos, o que aumenta o interesse, induzindo e motivando saber mais a esse respeito. Considerando que o receptor é diferente (cada leitor, em outras palavras, é constituído pela literatura de massa como um sujeito-consumidor, pois a mesma é renovada constantemente – conteúdo, moda, ideologias), o livro que ele lê duas ou mais vezes não será o mesmo livro. Disso decorre a discussão sobre esse tipo literário, pertinente para esclarecer e explorar os vários ângulos possíveis e imagináveis dessa literatura, que agrada alguns e desagradada outros. Além disso, em função da ubiquidade, da repetitividade e da estandarização da indústria cultural, a cultura de massa torna-se um meio com forma e conteúdo padronizados.

Morin (2001, p. 28) escreve que “a literatura é a escola da complexidade humana, do entendimento da vida”. Segundo ele, devemos utilizar a literatura, a poesia, o cinema e o livro como meios para o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos. Queremos não somente evidenciar a literatura de massa, mas também as possibilidades de diferenciação entre literatura de massa e literatura clássica. A intenção de ensinar alguma coisa não será um mero pedagogismo

porque, a priori, temos os *best-sellers*, os quais permitem um trabalho efetivo na discussão da formação dos professores, compreendendo o currículo acadêmico e as diversidades textuais. É importante, portanto, que o professor se reconheça como sujeito leitor e saiba dimensionar suas práticas de leitura, especialmente a literária.

Por sua vez, Kleiman (1998, p. 58) aponta para os cuidados com o ensino da leitura e da literatura, pois ambos devem estar fundamentados numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão do texto. Caso contrário, o ensino pode facilmente resultar em mera reprodução.

O fato de se trabalhar com literatura de massa não significa “apossar-se” do espaço da literatura clássica, mas sim acrescentar esse gênero como forma de conhecimento. Nesse caso, o que se pretende é analisar como ocorre a transposição didática desse conhecimento e as condições de sua produção, tendo como recurso a literatura de massa, o que se tornará mais um instrumento que possibilitará novas discussões sobre a leitura e a formação dos professores.

A discussão de novas tendências na educação que atendam aos apelos dos novos tempos, quando o mundo se vê submetido ao processo de globalização, vem abrindo novos espaços de convivência, o que implica o uso e a partilha de diferentes instrumentos para uma reflexão contínua do processo ensino-aprendizagem. Assim, para se compreender o papel da literatura de massa dentro do contexto atual, exige-se a renovação das práticas didáticas e da organização curricular.

Transformações relevantes estão acontecendo em todas as áreas do conhecimento, o que permite afirmar que não basta ignorar as demandas da literatura de massa, já que um importante contingente humano lê e assimila esse tipo literário.

Nesse contexto, Snyders (1988, p.16) reforça a idéia do professor como alguém que se aproxima dos grandes sucessos, pois não lhe cabe tornar a escola um local só de prazer: é preciso que os alunos se esforcem para encontrar as suas compensações. Esse é um eixo importante para a reflexão educacional e para a formação do professor pois, na escola, deve-se conhecer diferentes alegrias e tristezas da vida diária, porque é sabido que não fazemos somente o que queremos e o que nos dá prazer. No momento em que vivemos, a fragmentação dos atos e dos sentimentos ocupa grandes espaços, pois o mágico e o fácil surgem na modernidade como a negação das dificuldades e dos esforços. Tudo isso é muito perturbador, principalmente quando falamos de leitura, porque não existe um mundo fácil, com fórmulas prontas, no qual não há problemas, nem dificuldades para viver e conviver.

Nesse momento, precisamos resgatar a utopia. Não a utopia desgarrada da realidade concreta e da própria ação cotidiana, mas uma concepção de utopia impregnada da ação coletiva, pelo processo de construção e invenção de cada um.

A leitura nos proporciona um mundo mais dinâmico, pleno de possibilidades, um mundo no qual a realidade e fantasia se complementam. Falamos aqui da

presença do mundo e por isso presença no mundo; nossa sensibilidade pode ampliar-se ao destino do mundo, nossa consciência pode tornar-se consciência mundial. Apreender mil formas de vida e não só o que os olhos vêem, o que os vizinhos dizem; vale a pena perceber o que se passa em outros lugares. O mundo está próximo de nós, penetra-nos, entra em nós (SNYDERS, 1988, p. 31).

Apesar de todos os avanços científicos, tecnológicos e econômicos, os séculos XX e XXI foram períodos de perplexidades para a história da humanidade. Tudo é fragmentado e, nesse processo, o sujeito não se vê como parte de um todo.

O eu e o outro podem vir a ser e, por isso, o outro é sempre um ser perigoso. Isso possibilita o surgimento do chamado hiperindividualismo.

E aqui se pode pensar um pouco mais como educador, nesse caso, como professor de Literatura no Ensino Fundamental. Quais conseqüências podem ter essas fragmentações no processo educativo? Percebemos que o sujeito tornou-se vítima de um sistema em que tudo vem pronto, no qual o conformismo e a passividade são estrelas dominantes. Snyders (1988, p.36) expressa esse espírito pela alegria de se reconhecer (e de reconhecer os que se conhece) nos modelos próximos. O risco é que essa proximidade tome a forma esquemática dos estereótipos. Ora, os estereótipos têm um efeito conservador e conformista, contribuindo para suscitar uma atmosfera de fatalismo.

Compreendemos que a leitura como aqui abordada pode se apresentar como condição e instrumento de conscientização. Uma sociedade centrada na escrita, como a atual, pede que o cidadão, para sobreviver, saiba ler. Ler textos práticos, como tabelas, quadros, formulários, manuais. Também pede que saiba ler textos informativos e científicos, como jornais, revistas, enciclopédias, dicionários, mapas, livros e artigos que abordam assuntos de todas as ciências. E pede, ainda, que se saiba ler textos literários, uma leitura mais profunda e mais complexa, que se aproxima mais do leitor, que instiga, alimenta o imaginário, que trabalha com o universo social. O passeio pelas diversidades textuais, no princípio, é possível graças à participação do professor, que deve atualizar-se com muita leitura e levar ao aluno toda a sua bagagem de leitor.

O aprender a ler é, antes, uma aventura de descobertas e de criações, devendo ser um processo vibrante e prazeroso. Para descobrir o mundo ideal e viver em contínua relação com os outros e consigo mesmo, o homem precisa da

literatura, porque ela emociona, alegra, dá prazer e se engaja no seu inteiro. A literatura de massa, por trazer um universo de valores diversificados, afasta o homem de uma mentalidade atrofiada. O leitor aprende a descobrir as possibilidades em transformação e as suas condições como sujeito ativo na sociedade. A mente aberta aceita a relatividade dos valores, das verdades, da tradição. O importante não é a uniformização das idéias, mas a harmonização dos contrastes para que a evolução aconteça.

2.4 Literatura de massa, livro e leitura

2.4.1 Literatura de massa

A Literatura nasceu na Grécia. Chamava-se poesia e seu objetivo era divertir a nobreza. Após o século XVIII, passou a ter caráter educativo, pois permitia compreender as normas lingüísticas nacionais e registrar a história do país.

Contudo, o ensino da literatura sempre teve uma existência crítica, conseqüência da falta de leitura e do desconhecimento do patrimônio literário nacional. Segundo Zilberman e Silva, o ensino da literatura possibilita

inventar (e expandir) as minhas possibilidades de vida; potencializar – de quando em vez, na duração e amarração mesma das leituras – o meu ser-no-mundo; enfrentar, encarar outras tantas perplexidades; superar ensinamento das rotinas sociais. Literatura: palavra em liberdade, de infinitos caminhos e direções (...) Ler literatura? Voar junto para outros lugares humanos, próximos do meu porque também meus, e hermeneuticamente retornar, agora muito mais conectado aos conhecimentos da vida (ZILBERMAN e Silva, 1997, p. 21).

A leitura de texto literário permite ao leitor não esquecer suas próprias dimensões, pois expande as fronteiras do conhecido, aguça a imaginação e

desenvolve o intelecto. Trata-se, também, de uma atividade que tende a socializar a experiência, estimulando o diálogo, por meio do qual se trocam experiências e confrontam-se gostos. Além disso, o texto literário revela outro ângulo educativo de sua leitura: auxilia o estudante a ter mais segurança de suas próprias experiências, a analisar e a se compreender como cidadão histórico e modificador do meio em que vive.

O homem, em interação com outros indivíduos e realizando atividades comuns ao grupo a que pertence, constitui-se em sociedade, tornando a leitura um ato de integração com o meio e com o outro. A literatura realiza seu papel social porque propicia um tipo de competência que produz reflexão no interior das vivências do sujeito, apontando-lhe as possibilidades de um outro universo e alargando suas oportunidades de compreensão da realidade em que está inserido.

As relações entre as pessoas permitem a troca solidária de experiências. Por essa razão, Boff (1999, p.92) refere-se ao sujeito como “ser-no-mundo”, em uma determinação geográfica, junto com plantas, animais e outros seres humanos. O ser-no-mundo significa uma forma de “ex-istir e de “co-existir”, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as entidades que constituem o mundo.

Então, o leitor, como esse “ser-no-mundo”, é levado à reflexão e à compreensão de elementos significativos que vão se materializando à medida que interage com os diversos níveis e tipos de conhecimento. A identificação do sujeito-leitor com a obra se efetiva, pela identificação como nos fatos históricos presentes na literatura, permitindo o rendimento máximo da leitura.

Para Morin (2001, p.17), “a literatura, a poesia, o cinema são indispensáveis”, pois devem ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises

gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também como conteúdos das escolas de vida em seus múltiplos sentidos, ou seja, escolas da língua, que revelam todas as suas qualidades e possibilidades por meio das obras dos escritores e poetas, e permitem que o adolescente – que se apropria dessas riquezas – possa se expressar plenamente em suas relações com o outro; escolas da qualidade poética da vida, da emoção estética e do deslumbramento; escolas da descoberta de si, em que o adolescente pode reconhecer sua vida subjetiva na dos personagens de romance. Assim, essa interação humana, por meio da qual o estudante se manifesta ou manifesta algo à sociedade, representa e elucida as situações de incomunicabilidade. O estudante aprende assim a dialogar com as incertezas humanas, a conhecer e a pensar nas verdades exteriores a ele. É isso que permite a reflexão da sua condição humana.

Nesse sentido, literatura de massa é resultado do processo de industrialização da cultura. Em sua produção, predominam diretrizes ideológicas de interpretação e de entendimento do sujeito humano. A literatura de massa é, na realidade, uma extensão imaginosa do texto dos meios de comunicação de massa. É preciso levar em conta também que esse tipo de texto é um poderoso estimulador de leitura, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e espicaçar a consciência do consumidor. Sendo assim, o fascínio dessa literatura indica que não se pode estudá-la com uma visão simplista e reducionista, limitando-a ao campo de efeitos dos estratagemas mercadológicos ou dos subprodutos da literatura culta.

Se nos colocarmos no lugar onde se produzem juízos cultos e assumirmos a perspectiva popular, enxergaremos as operações mediadoras por meio das quais a indústria cultural se aproxima das várias classes de leitores (categorias diferentes e classe social diferente). É possível, pois, localizar, na cultura industrializada para o

consumo das massas, elementos da tradição narrativa e imagística dos leitores de certo ethos nacional (a identidade de um povo, grupo ou comunidade, a marca de suas manifestações e realizações culturais) que perpassa tanto as populações rurais como as urbanas.

Ao descrever o processo da literatura de massa, Muniz Sodré (1998, p.42) afirma que nela não está em primeiro plano a questão da língua, nem a reflexão sobre a técnica romanesca. O que importa mesmo são os conteúdos fabulativos (a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade. Desse modo, é o mercado, e não a escola, que preside às condições de produção do texto.

Nesse sentido, a literatura de massa, predomina com características singulares (epopéia, romance, conto, novela), não apresentando em primeiro plano a língua escrita e os elementos históricos, mas reforçando a presença determinante no mercado, o que não quer dizer que seu texto não possa fazer crítica social. O texto de massa é precisamente o tipo de produto capaz de despertar a “curiosidade universal”.

Para Horkheimer e Adorno (*in* Lima, 2002, p.177), o processo da leitura do chamado best-seller indica o sentido da indústria cultural, que vai da falsa identidade do universal até atingir o âmbito do particular. Isso demonstra o poder estabelecido pelo mercado da cultura, determinando o gosto e o desejo dos leitores. O escritor, nesse processo industrial, tendo em conta uma causa externa, observa onipotentemente a sociedade, descrevendo e analisando o estilo do sujeito humano, porque as variações culturais, políticas, psicológicas são ficcionalizadas. Como atestado dessas características, texto de massa mantém visível sua estrutura por

meio de personagens fortemente caracterizados, de uma abundância de diálogos (capazes de permitir uma adesão mais intensa do leitor à trama) e de uma exploração sistemática da curiosidade do público.

A curiosidade representa para o homem urbano, ou seja, para um “servoltado-para-o prazer”, predominantemente o imperativo de divertir-se, de explorar todas as possibilidades, de vibrar, gozar ou gratificar-se pelo que está fazendo. Hoje, como no passado, o leitor, na maioria das vezes, projeta-se nas aventuras heróicas, dando vazão ao desejo de potência de aproximar-se dos deuses, e de poder, como o herói, escapar às leis do cotidiano repetitivo e monótono.

Marshall McLuhan (2002, p.72) descreve o processo dos meios de comunicação de massa indicando, primeiro, os meios como extensões dos nossos sentidos, que estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, mas também como se inter-relacionam. A relação entre leitor e obra se deve à identificação, ao contexto narrativo, à realidade do leitor e à compreensão da obra. Somente assim, teremos, então, uma leitura completa. Todavia, não se estabelece leitura interativa até que a “realidade” do leitor e da obra tenha sido relacionada com uma análise crítica dos conteúdos lidos que, por razões evidentes, nem sempre será idêntica à do autor quando escreveu a obra.

Não existe, de fato, completa identidade entre a “realidade” da obra e a “realidade” do leitor. Os elementos evocados pela narrativa dependem da experiência do receptor, assim como a identificação sobre a base literária depende da experiência e do repertório que o indivíduo em toda sua experiência de leitura, ao longo da vida.

A leitura da literatura de massa, diz McLuhan (2002, p.72), é o meio pelo qual a sociedade, que tem pouco acesso à literatura clássica, pode se compreender

como agente modificador do contexto social. Isso implica que a participação do leitor permita uma re-interpretação da realidade em que vive. O leitor reconhece a leitura como uma prática reflexiva, e sua simplicidade e complexidade simultâneas demonstram o poder que tem o ato de ler.

Fica, assim, evidente que o processo de literatura de massa não pode ser considerado unilateralmente e analisado apenas como consumo. De fato constitui-se em processo bilateral, devendo ser avaliado em relação ao consumo e ao leitor. Conseqüentemente, o processo de leitura da literatura de massa pressupõe duas dimensões do sujeito que lê: como investimento, diz respeito ao mercado, próprio da posição do consumo, visto que vai da produção, das diretrizes ideológicas dominantes de interpelação e reconhecimento do sujeito humano; como leitor, refere-se à posição de quem, num percurso inverso, é instigado por reflexões, pelo que se torna mesmo gerador de aprendizagens relevantes para o desenvolvimento crítico em relação ao próprio sentido mercantilista que o produziu.

2.4.2 Livro

“O livro é a melhor munição que encontrei para esta humana viagem.”(Montaigne)

A humanidade acumulou conhecimento e o preservou por meio da escrita, o que criou a necessidade de produzir, buscar e difundir informações.

O livro constitui um meio de divulgação de informações e de se comunicar idéias e sentimentos. O papiro do Egito, o primeiro portador material de texto, foi substituído pelo códice, uma espécie de livro com páginas de pergaminho semelhante aos que folheamos hoje, mas esse material custava muito caro.

Dependendo do tamanho, era necessário o couro de um rebanho inteiro de carneiros para sua leitura.

A evolução da técnica do livro e a sua popularização foram determinantes para o desenvolvimento das universidades, e o acesso ao conhecimento tornou-se mais fácil às camadas mais humildes da sociedade.

A difusão do livro estimulou duas dimensões nas pessoas: a busca pela liberdade de expressão e o desejo de controlá-la. A humanidade acumulou conhecimento e o preservou através da escrita, crescendo a demanda por consumir e difundir essas informações. A mecanização desse processo para a reprodução em série de uma mesma obra escrita possibilitou o conhecimento portátil e sua difusão muito mais veloz. E, claro, passou a ser impossível controlar a crescente demanda pelo acesso às informações, superando os limites das fronteiras entre as nações.

O processo de reprodução da escrita adaptou a tecnologia à universalização do alfabeto, ao comércio mundial de livros, das diversidades literárias e, principalmente, das produções livreiras, possibilitando à sociedade maior compreensão da leitura e o que ela representa na sociedade.

O livro impresso constituiu-se no informativo, cuja mensagem pode ser consumida por indivíduos sem contato sonoro e sem vínculo. Sua produção em série e as diferentes classes de leitores revolucionaram os ditos cânones, também chamados de clássicos, durante muito tempo, acessíveis apenas à minoria da sociedade. Com a democratização do alfabeto, diferentes categorias de leitores passaram a atuar no mercado literário. A leitura da literatura de massa, permitindo grande receptividade popular, é uma maneira criativa de despertar o interesse por textos clássicos, pois o circuito ideológico de uma obra não se perfaz apenas em

sua produção, mas inclui, além do consumo, a sua compreensão. Ler tal tipo textual é uma maneira de levar à sociedade algumas obras de grande valor literário.

2.4.3 Leitura

“A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1983, p.22).

O advento dos computadores, ao contrário de diminuir a relação dos homens com a leitura, provocou a ampliação do acesso à leitura. Prova disso foram os programas governamentais de incentivo à leitura, que valorizam o espaço do leitor. Educadores e autoridades de todos os níveis são unânimes em afirmar que, por meio da leitura, propiciam-se instrumentos necessários para aquisição de outros conhecimentos. Os relatos dos educadores afirmam que os alunos não se interessam por leitura, justamente porque a prática é insuficiente ou a bibliografia que se apresenta é desconexa da realidade dos leitores.

Nesse sentido, que benefícios a leitura pode trazer ao leitor? Ao fazer esse questionamento, vêm-nos à mente a obra Dom Quixote de Miguel de Cervantes, na qual o protagonista enlouquece, abandonando tudo. À leitura, nesse caso, se atribui grave delito: ela se transforma e transforma seu leitor. A leitura não se encontra no fim de sua história, e sim no começo da trajetória individual de seus adeptos, porque o único temor que a leitura pode inspirar é o de que seus usuários sejam levados a alterar sua visão de mundo, sonhando com as possibilidades de transformar a sociedade e não se conformarem ao já existente. É preciso lembrar que os leitores aqui citados entendem o ambiente do livro como uma opção e não como imposição.

Falar sobre leitura é sempre um desafio. O mais instigante é de formar leitores em uma sociedade globalizada, que se move freneticamente num circuito de milhares de informações vindas de muitas fontes e lugares. Toda leitura é interpretação, assim como toda escritura é suscitada pela leitura de mundo e de vida. Por outro lado, há uma perenização de teorias que pacificam a leitura, coagulando seu sentido. Afinal, “a obra deve estar aberta a múltiplas interpretações textuais” (ECO, 2002, p. 4).

A prática da leitura cria um mecanismo subliminar que facilita associações, arquivam sensações, seqüências, cenas e fornece aos leitores informações essenciais que permanecem na memória. Contudo, combinar prazer e desenvoltura na leitura ainda é central na cultura letrada e escrita. Para Barthes:

o prazer do texto, é o sentido na medida em que ele é sensualmente produzido. O significado abre o percurso lúbrico do texto, suspende-o nos fios vacilantes do prazer: o prazer do texto é o momento em que o meu corpo vai seguir as suas próprias idéias – porque o meu corpo não tem as mesmas idéias que eu (BARTHES, 2001, p. 23).

A leitura revela-se eficaz para estimular o universo figurado. Ler é mais que decodificar palavras, é adivinhar, explorar o texto de uma maneira não linear, desvendar visualmente uma linguagem feita para seduzir a mente através dos olhos. A exploração do texto só é possível quando corremos o risco de errar, pois ler é também sair transformado de uma experiência de vida. É esperar que, ao final e pouco a pouco, o desejo de transformar se torne prazeroso.

É preciso pensar na leitura como uma atividade em transformação. Ela se preserva, opõe-se, reinventa-se, mas enfrenta questões temporais que precisam ser encaradas, afinal toda sociedade sofre alterações e ler é, muitas vezes, fechar-se, estabelecer relação de tato, olhar de plenitude, ser capaz de transformar a visão do mundo e as maneiras de sentir e pensar.

2.4.3.2 O caráter mercadológico da leitura

A leitura é um fenômeno universal, mas diverso em sua realização concreta. Cada grupo de leitores utiliza uma tipologia textual, proporcionando variantes do ato de ler de indivíduo para indivíduo. As formas de comportamento e de manifestações sociais possibilitam ao mercado livreiro produzir uma espécie de estudo sobre os “nichos”, diferentes “gostos” de leitura e “diferentes” leitores.

Nessa linha de raciocínio, temos, também, a leitura eletrônica, que é o ler sem sair de casa, os textos virão ao leitor _ até então _ o leitor devia ir ao livro quando não o possuísse. Ao contrário da postura interativa, da leitura compartilhada, a leitura eletrônica que enaltece: comunicamo-nos talvez com o universal, mas não com as pessoas que nos são geograficamente próximas.

A leitura, ainda que, na maioria das vezes, influenciada pelo mercado consumidor, permite o desvio, a subversão, pois mesmo com tentativas de dominar ideologicamente o gosto do leitor, durante o ato da leitura isso se torna impossível. Afinal, nesse momento, existem apenas dois mundos: o do texto e do leitor. Segundo Barthes (2001, p.112), o leitor como sujeito assume vários papéis: é ele quem interpreta, analisa, se identifica ou fica à deriva. A autonomia de quem está lendo é essencial para haver prazer na leitura, pois há a necessidade de se desenvolver uma sensibilidade mais crítica e qualitativa da obra literária.

Sem contrariar as idéias de Barthes, H. A Giroux (1997, p.68) estabelece a relação entre a reprodução do texto e a distribuição do capital cultural como sendo o acesso ao desenvolvimento tecnológico que possibilita, na maioria das vezes, a geração paradoxal de leitura. De um lado, a liberdade de escolha literária e a infinidade de novos textos; do outro, o sistema capitalista padronizado e imponente,

que oferece novas alternativas textuais à humanidade, sistematizadas pelo gosto, pelas atitudes e normas que se aplicam na era do capitalismo. Nesse sentido, a literatura de massa assume uma dimensão política importante, pois a cultura literária não é apenas expressão ideológica da sociedade dominante, mas também se refere à forma estrutural da tecnologia, comunicando às mensagens que estabelecem os alicerces psicológicos e morais do sistema econômico e político.

Ainda sobre o mercado da leitura, algumas reflexões de Lazarsfeld e Merton (*in* LIMA, 2002, p.23) são bastante oportunas em relação ao surgimento da educação popular, como causa de declínio no gosto literário. Grande número de pessoas desenvolveu o que poderia ser denominada capacidade de leitura formal, ou seja, uma capacidade de ler, compreender conteúdos elementares e superficiais, mas uma relativa incapacidade de absorver o sentido global do que leram. Em suma, desenvolveu-se uma marcante brecha entre a capacidade de leitura e a compreensão do que foi lido. As pessoas lêem mais e compreendem menos. Um número maior de pessoas lê. Assimilam, contudo, menos criticamente o que leram. Isso provoca deficiências no processo de ensino-aprendizagem desses leitores, pois o que se pretende com a leitura da literatura de massa é expandir o universo textual de cada um.

Nessa perspectiva de leitura da literatura de massa, também chamada de popular, objeto de estudo dos pesquisadores em comunicação de massa, existe na forma dos mais variados tipos literários, todos os grupos de leitores, com suas instituições, suas técnicas e seus costumes, que dispõem de um sistema de leitura que permite a compreensão e o gosto por essa tipologia textual. Apesar de a leitura ser universal, o entendimento e a interpretação varia entre os leitores.

2.5 Programa de incentivo à literatura: Literatura em minha casa: PNBE

O Ministério da Educação vem, desde 1997, incentivando o hábito da leitura e o acesso à cultura e aos alunos, professores e à comunidade em geral mediante a execução do Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE). O programa consiste na aquisição e na distribuição de obras de Literatura brasileira e estrangeira, infanto-juvenil, de referência, além de outros materiais destinados a professores e alunos, como atlas, globos e mapas.

O acesso à cultura e à informação é o objetivo principal do programa. É por meio da distribuição de acervos e coleções de obras de literatura, de pesquisa e de referência variadas que o PNBE pretende apoiar o cidadão brasileiro no exercício de reflexão, da criatividade e da crítica.

Ao longo de sua história, vem distribuindo livros de literatura em diferentes ações. Em 1997, distribuiu acervos variados, com obras literárias infanto-juvenis, de referência, de pesquisa e materiais de apoio, beneficiando alunos das séries finais do ensino fundamental.

No curso de sua história, o programa vem se modificando e se adequando à realidade e às necessidades educacionais. Atualmente sob a responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, autarquia do Ministério da Educação, é gerido com recursos financeiros originários do Orçamento Geral da União e da arrecadação do salário-educação. Em dois mil e seis foram atendidas milhares de escolas, beneficiando alunos matriculados nas séries finais do ensino fundamental.

O PNBE é executado pelo FNDE, em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, uma vez definidos os critérios de avaliação e o atendimento, além da disponibilidade dos recursos orçamentários previstos no Plano Plurianual (PPA).

As ações do programa são executadas de forma centralizada, com apoio logístico das escolas públicas, prefeituras e secretarias estaduais e municipais de Educação.

A Literatura em minha casa, que é uma das estrelas do programa distribui uma coleção de livros para estudantes da 4ª série do ensino fundamental com a finalidade de desenvolver o gosto pela leitura. A coleção, que se torna propriedade do aluno, é composta de cinco volumes, sendo uma obra de poesia ou antologia poética, um conto ou antologia de contos, uma novela e uma peça teatral, todos brasileiros, e um clássico da literatura universal traduzido ou adaptado. São dez tipos de coleções distribuídos a alunos da 4ª e 8ª série do ensino fundamental, compostas de obras literárias de diversos gêneros, que passam a ser de propriedade dos estudantes. O objetivo é desenvolver o gosto pela leitura e incentivar a escrita.

A avaliação e a seleção das obras são realizadas por um colegiado, instituído anualmente por portaria ministerial, com representantes do Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED), da União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) e de técnicos e especialistas na área de leitura, literatura e educação do Ministério da Educação e de universidades.

O Literatura em minha casa – 4ª série (distribuído para uso pessoal e de propriedade do aluno) consiste em uma coleção, com cinco volumes de obras de

literatura e de informação para cada aluno matriculado na 4ª série do ensino fundamental das escolas públicas e dez coleções, com cinco volumes de obras de literatura e de informação, para cada uma das escolas públicas com mais de dez alunos que oferecerem a 4ª série para o ano letivo seguinte.

O Literatura em minha casa – 8ª série (distribuição para uso pessoal do aluno) consiste em uma coleção, com quatro volumes de obras de literatura e de informação, para cada aluno matriculado na 8ª série do ensino fundamental das escolas públicas e também dez coleções com quatro volumes de obras de literatura e de informação para cada uma das escolas públicas com mais de dez alunos que oferecerem a 8ª série para o próximo ano letivo.

A proposta governamental serve como recurso auxiliar para desenvolver o gosto pela leitura. O aspecto mais importante nesse tipo de leitura são os conteúdos fabulativos e, portanto, a intriga com a estrutura clássica de princípios – tensão, clímax, desfecho e catarse.

Nesse sentido, Daniel Penac (1997, p.154) afirma que 'literatura industrial', na maioria das vezes, se contenta em reproduzir texto com o mesmo tipo de narrativa, retratando historinhas em cadeia, faz comércio dos bons sentimentos e das sensações fortes, ignora as possibilidades de serem explorados os elementos da narrativa para desovar uma ficção de circunstância, se dá a "estudo de mercado" para colocar, segundo a "conjuntura", tal tipo de "produto", capaz de seduzir os leitores.

Ainda que concordemos com alguns aspectos da crítica de Penac, ao que ele denomina "literatura industrial" (que corresponde ao conceito de 'literatura de massa' nesse trabalho), entendemos que é possível utilizar essa literatura sob determinadas

condições e circunstâncias bem específicas para o desenvolvimento da ⁶⁰
competência de leitura.

3.1 A Literatura de massa como incentivo à leitura.

“A literatura é a escola da complexidade humana, do entendimento da vida.” Edgar Morin

No território brasileiro, convivem diferentes grupos sociais, com características étnicas e culturais distintas, permeadas por grandes desigualdades socioeconômicas. Vivemos em um país que se apresenta cheio de contradições, no qual ainda encontramos relações sociais discriminatórias, aliadas a práticas excludentes, gerando injustiça social e violência. A escola pública tem, nesse momento, uma função muito importante. Primeiro porque é espaço em que podem conviver jovens de origens e níveis socioeconômicos diferentes, com costumes e visões de mundo diferentes. Além disso, é também espaço público para a vivência democrática com a diferença e, finalmente, porque é a escola a instituição criada para apresentar aos jovens os conhecimentos acumulados e sistematizados da história do país e da humanidade, democratizando, assim, o acesso ao saber produzido pela classe dominante.

As pesquisas que se desenvolveram no século XX, no âmbito da leitura, indicam mudança do papel da escola e, conseqüentemente, da ação docente frente ao ler. A sociologia da leitura e as teorias relativas ao efeito do ato de ler e da emancipação do leitor e sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais crítica ampliam o significado de ler. “Ler é melhor que estudar”. Essa frase de Ziraldo, já famosa, virou “botton” e foi carregada do lado esquerdo do peito, por parte de nossa juventude. Ela nos remete à distância entre a realidade da escola e as práticas sociais significativas. Um depoimento da cantora Miúcha, irmã mais velha

de Chico Buarque e filha de Sérgio Buarque de Hollanda, historiador de Raízes do Brasil, pode nos esclarecer a razão da unanimidade dessa parcela da juventude sobre como se aprende a ler fora da escola:

Sua [de Sérgio] influência sobre Chico e os outros se dava de forma sutil. As paredes da casa da família eram cobertas por livros, e o pai incentivava a leitura através de desafios. 'Ele não ficava falando para a gente ler', conta Miúcha. 'Mas era um apaixonado por Dostoiévski, conversava muito sobre ele. Nós todos íamos. E tinha Proust, aquela edição de 17 volumes. Ele dizia, desafiando e instigando: 'Proust é muito interessante, vocês não vão conseguir ler, é muito grande. Ah, mas se vocês soubessem como era madame Vedurin.' Aí todo mundo pegava para ler (ZAPPA, 1999, p.93-94).

Um dos pontos relevantes no ensino da leitura relaciona-se à visão do leitor como um usuário eficaz e competente da linguagem oral e escrita, imerso em práticas sociais e em atividades de linguagens letradas que, em diferentes situações comunicativas, utiliza-se do discurso para construir _ ou reconstruir _ os sentidos de textos que lê ou produz.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida junto aos professores de duas escolas da Rede Pública de Educação do Ensino Fundamental possibilitou uma reflexão acerca da literatura de massa no currículo escolar. Os resultados obtidos são apresentados nesse capítulo, bem como as análises dos dados baseados nos objetivos propostos nesse estudo.

Os antecedentes da pesquisa originaram-se de uma tríplice vertente: do PNBE (Programa Nacional da Biblioteca Escolar), das Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa e da literatura de massa.

Para proceder à análise dos dados propriamente dita, inicialmente foram definidas duas categorias, quais sejam, a visão do professor de Português do Ensino Fundamental da oitava série sobre o tema literatura de massa e as discussões sobre

os textos de massa da lista de livros do Programa Literatura em minha casa do Ministério da Educação. A coleta, a sistematização e a posterior análise dos dados levantados foram organizados a partir do ponto de vista do professor e como ele contempla o acervo literário enviado pelo MEC para as escolas. É importante, porém, registrar que tal divisão é considerada apenas para fins didáticos, uma vez que o professor está intimamente relacionado nesse processo. Assim, as questões elaboradas para discussão entre os segmentos da educação buscam uma visão mais dinâmica do processo ensino-aprendizagem aliado à leitura de textos bibliográficos e virtuais.

É sabido que os enunciados presentes nos textos populares se apresentam marcadamente sujeitos à diversidade de interpretação. O estudo sobre a leitura interessante, porque possibilita as inter-relações, revelando-nos a amplitude da temática no contexto social. Assim, destacamos uma proposta de leitura, centrada na realidade do professor e do aluno, em suas atividades individuais e coletivas, evidenciando os diversos níveis de compreensão, bem como o acervo literário disponibilizado pelo FNDE/MEC para os alunos da oitava série do Ensino Fundamental.

Nesse contexto, pensamos na diversidade de leitura que é cada vez mais possibilitada por uma nova postura de mercado editorial. Essa oferta de gêneros e temáticas procura se adequar às linguagens de novas tecnologias, visando atingir os mais diferentes gostos e interesses dos leitores.

É fundamental lembrar que o uso de diversos tipos textuais deve proporcionar o desenvolvimento humano e a formação de cidadãos competentes, críticos e, sobretudo, dispostos a aprender sempre, a compreender as pessoas e a perceber seu papel de interventores responsáveis e éticos nesse mundo em construção. Por

isso, a sala de aula deve ser o lugar de troca, da construção de um saber significativo, porque a experiência se caracteriza pela leitura variável de textos referentes à disciplina de Português. Isso ocorre em diferentes contextos, o que pode ser considerado como um processo dinâmico, dependendo da perspectiva, do enfoque ou do interesse dos discentes. Compreender essa situação, em toda a sua complexidade, é condição indispensável para uma atuação docente responsável e comprometida. Por meio dela, o conhecimento se torna motivo de cooperação entre os alunos e o professor e, todos juntos, podem organizar uma comunidade de compreensão próxima. Nela, o professor deixa de ser um transmissor de informações e passa a disponibilizar meios e modos de participação, propondo e orientando projetos de trabalho, acompanhando e estimulando os grupos, proporcionando diferentes formas de interação e prática cultural.

Nesse sentido, a discussão do tema leitura é uma contribuição para ampliar a visão de mundo, estimular o desejo de outras leituras, exercitar a fantasia e a imaginação, compreender o funcionamento comunicativo da escrita, compreender a relação fala/escrita, desenvolver estratégias de leitura, ampliar a familiaridade com os textos, desenvolver a capacidade de aprender, ampliar o repertório textual, conhecer as especificidades dos diferentes tipos de texto.

Nessa concepção, analisamos como os professores reconheciam o material literário enviado pelo MEC para as escolas e o que eles compreendiam das ações governamentais de incentivo à leitura.

Os professores participantes da pesquisa destacaram os benefícios da leitura para os alunos, porém admitiram, que conheciam superficialmente os Programas do MEC de incentivo à leitura. Segundo eles, caberia ao Ministério da Educação maior

divulgação do acervo literário e que haveria necessidade de se capacitar professores para uma prática literária voltada à realidade do aluno e da sociedade.

Os relatos dos professores confirmam que a leitura é uma promotora de um maior contato dos alunos com o universo textual, possibilitando, dessa forma, a interação do leitor e da obra, oportunizando a avaliação ou mesmo reavaliação das suas opções de leitura. A aproximação do aluno com a realidade literária contribui para elaboração do perfil de leitor que queremos, afinal, para os professores entrevistados, existe uma definição de bom e mau leitor. Isso fica evidente quando afirmam que:

E.1- Professora A – Um bom leitor é aquele interlocutor atento e experiente, que Umberto Eco chama de leitor modelo, que ao ler um texto (o texto será tratado como texto literário), o interpreta dentro das várias possibilidades de leituras sugeridas pelo autor.

E. 2– Professora B – Eu acho que para se tornar um bom leitor é necessário que muitas obras sejam lidas, que seja feita muita pesquisa sobre as mesmas, bem como sejam feitas releituras, uma vez que comungo com as idéias de Jorge Luis Borges sobre a importância da releitura.

E. 3 – Professora C – O bom leitor não é aquele que decodifica letras e as interpreta, mas sim um leitor de mundo.

E. 4 – Professora D – Penso que para ser um bom leitor é necessário se comprometer com a obra, principalmente se reconhecer na realidade social.

E. 5 – Professora E – Ser um bom leitor é poder escolher a leitura de seu gosto e compreendê-la.

Percebemos por essas falas que os bons leitores são aqueles que interpretam vários tipos de textos, fazendo releituras e analisando os contextos literários. A

definição de leitura para os entrevistados revela outro ângulo educativo que é o ponto de partida para o acercamento à literatura. Ser bom leitor significa trocar sentidos, significados, inter-relacionar os saberes, incorporando os textos de origem popular ao conhecimento acadêmico, porque cada vez mais, há uma estreita relação entre a valoração da experiência da vida de cada indivíduo com o processo ensino aprendizagem e a democratização do saber, ainda mais se tomarmos como referência a cultura brasileira e sua multiplicidade de manifestações culturais. Os métodos de alfabetização indicam que os alunos já trazem uma “leitura de mundo,” pensamos no aluno como um leitor de mundo, pois formá-lo significa dar condições para ele descobrir o universo da literatura. As trocas culturais são fundamentais, pois para saber quem somos, precisamos muitas vezes recorrer ao que nós não somos, ao outro, ao diferente, ao plural. A leitura está onde o ser humano está, pela necessidade de interagir, de trocar, de comunicar. Somos seres leitores. Os textos, principalmente, marcam a história da humanidade, possibilitando que cada nova geração conheça as histórias de outras gerações que a antecederam. Orais e escritos, os textos compõem um acervo de conhecimentos rico e culturalmente diverso.

Vale ressaltar que o professor ainda vê no desinteresse do aluno a dificuldade para se trabalhar com leituras mais densas, destacando os maus leitores como aqueles que lêem e não compreendem o que está sendo lido. Nesse sentido, destacamos a definição de “mau leitor”, reproduzimos alguns fragmentos:

E. 27 – Professora A. – O mau leitor é aquele que lê algo como se engolisse água, sem pensar, nem refletir sobre o assunto. Lê, porém não compreende o que está sendo lido.

E. 28 – Professora C. – Podemos dizer que o mau leitor é aquele que não lê literatura, que busca a leitura pronta, aquela que não faz pensar.

E. 29 – Professora E. – Eu acho que o mau leitor apenas decodifica as letras, não as interpreta, ignorando o que ocorre a sua volta.

Fica evidente nesses fragmentos que o professor considera o mau leitor como aquele que não compreende o texto lido, valorizando a leitura como prática que transcende a dimensão escolar. Ato de ler possibilita o conhecimento das diversidades textuais, oportuniza o contato com outros gêneros de textuais, ampliando o repertório do aluno.

Segundo os professores, o conhecimento de vários textos facilita e enriquece a relação entre o leitor e o mundo. Os relatos demonstram que eles acreditam, mesmo conhecendo superficialmente, nos projetos de incentivo à leitura do Governo Federal, confirmando a contribuição significativa, uma vez que a leitura se constitui na principal fonte de conhecimento criativo de um indivíduo.

Sobre essa questão, Foucambert (1998) verificou a importância do leitor querer saber o que se passa na cabeça do outro, pois assim ele pode compreender melhor a dele. Segundo esse autor, isso implica no aumento do poder sobre o mundo e sobre si mesmo, justificando o papel do ser humano junto à sociedade, e também elucidando o prazer de ler.

Desse modo, o professor reconhece que seu papel é de suma importância para aluno se interessar por leituras densas.

A respeito disso, Zilberman e Silva (1997) defendem que

a ambição do leitor pode ser medíocre e a ambição de dois leitores não de ser idêntica. O professor só pode ministrar os seus ensinamentos àqueles que mais querem aprender, mas ele pode sempre despertar nos seus alunos um 'aperitivo', ele pode ao menos fornecer-lhes uma lista de coisas que vale a pena aprender em literatura ou num determinado capítulo dela (ZILBERMAN e SILVA, 1997, p.55).

mas que possa garantir-lhes condições de aprimoramento pessoal. Ao aluno cabe não apenas ler o suficiente para se encaixar no mercado de trabalho e a responder teste de múltipla escolha, mas que seja instrumento de formação e de conscientização.

Vemos, portanto, que os professores falam da literatura como integradora da realidade social, identificando que os alunos, muitas vezes, não estabelecem relação entre a realidade social e a realidade literária. Segundo eles, os alunos vêem a literatura em mundos distintos, os quais eles não se sentem participantes, nem integradores. A aproximação do aluno com a realidade constitui um espaço de reflexão sobre sua real condição e a ficção do texto. Essa integração focaliza o universo literário no ambiente escolar como construção social, conferindo uma relevância afetiva a cada iniciativa prática do professor.

Sobre a importância da literatura constatamos que a articulação entre o ler e o compreender, à medida que se estabelece interação da realidade do leitor e da obra lida, favorece à prática do professor em classe. Dentre os benefícios citados pelos professores está o de se compreender como cidadão social e suas implicações nos diferentes contextos.

E. 10 – Professora A. - A literatura ajuda o estudante a ter mais segurança em suas próprias experiências.

E. 11 – Professora B. - O trabalho com a literatura e com leitura deve ser feito com muito critério, para não reduzir excelentes obras ao seu enredo, aos personagens.

E. 12 – Professora C. – No ensino da literatura o aluno deve se situar no período literário, percebendo a elaboração, o manejo com a linguagem, o prazer estético que ela proporciona e através dela, compreender melhor as relações sociais de diferentes épocas.

E.13 – Professora D. – Eu vejo que a literatura deve proporcionar aos alunos momentos de descobertas libertadoras, pois ela deve fazer parte do dia a dia e os alunos devem ouvir histórias (pelo trabalho de contação de histórias) e ler histórias em grupo e individualmente.

E. 14 – Professora E. – A literatura é forma de entretenimento, prazer, cultura e informação. Logo a leitura deve ser desenvolvida em todos os momentos.

Essas afirmações evidenciadas pelos professores nos favorecem na pretensão de mesclar a literatura clássica e a literatura de massa, de modo a contemplar no currículo escolar o acervo literário enviado pelo MEC para os alunos da oitava série. A variedade literária, dos programas de incentivo à leitura, disponível nas escolas, enriquece a atividade docente, promovendo diferentes formas de socialização do ler, levando aos jovens leitores condições para que – a partir de sua leitura de mundo – estabeleçam, por meio da orientação segura do professor, sólidos caminhos em direção de uma maior complexidade de textual. Também porque, o acervo literário tratará de ampliar e qualificar as formas de acesso dos jovens aos diferentes contextos literários, estimulando-os a se assumirem como produtores de conhecimentos, capazes de, oralmente ou por escrito, verbalizarem seu prazer de ler e ou suas aprendizagens a partir do lido.

Então, as práticas de leitura devem ser valorizadas pela escola que assimilará às ocorridas no contexto social, colaborando assim para a formação de um leitor crítico e para a própria transformação da escola, que ensinará a pensar a mais genuína função do ler, capaz de transformar e oferecer condições de cidadania e responsabilidade social a todos os que participem dela.

Com a apreciação das respostas apresentadas no questionamento sobre a literatura de massa no currículo escolar, observamos que os professores pontuaram os textos de massa como sendo importantes para complementar as aulas de leitura,

acrescentando a relevância dos textos clássicos para a compreensão histórica, geográfica e social. Perguntamos ainda, aos professores se eles diferenciavam literatura de massa e literatura clássica nas aulas de Português. Na maioria dos casos recebemos “sim” como respostas, contudo há de se considerar que muitos professores desconhecem o trabalho com textos de massa e outros conhecem de maneira expressiva. Exemplificamos:

E. 18 – Professora – A. – A literatura clássica é geralmente vista como canônica, mas é composta por aqueles textos que são lidos e relidos, que sempre oferecem ao leitor interessado e atento a novas perspectivas à medida que este leitor amadurece e tem outras experiências de vida e para quem o livro clássico sempre tem algo a dizer.

E. 19 – Professora – B. – O texto clássico não é velho nem ultrapassado, mas sim atual para qualquer geração que o leia.

E. 20 – Professora – C. – A literatura de massa é geralmente vista como aquela composta por livros de auto-ajuda ou romances sem comprometimento com o literário. Contudo, acredito que a literatura de massa é aquela escrita para um público-alvo, produzida segundo configurações exigidas pelo gênero escolhido – literatura policial.

E. 21 – Professora – D. – Posso dizer textos literários e não-literários, já que o termo literário é relativo, e há textos de qualidade entre aqueles designados como literatura de massa que podem ser objetos de estudo também na academia.

E. 22 – Professora – E. – Penso que a literatura é de extrema necessidade, pois o leitor é um ser social, isso independe da literatura clássica ou de massa, o mais importante é proporcionar momentos literários para nossos alunos.

Nesse contexto, percebemos o texto de massa como elemento integrador, que efetiva a inserção dos alunos e professores na realidade literária. Esta inserção tem sua progressão crescente, abrangendo desde a escolha dos textos e análise das várias atividades literárias, até a determinação de uma evolução consciente, compartilhada e construída entre todos os participantes do processo da leitura.

Sua relevância curricular está no fato dos professores reconhecerem a importância da literatura de massa no contexto escolar, fornecendo informações valiosas, tanto para a eficiência da leitura como para o desenvolvimento do estudante. Nesse sentido, entendemos que a literatura, produzida para os jovens, conta com uma grande diversidade de matizes narrativas e com uma imensa variedade de gêneros e temas em suas publicações. Essa riqueza, sem dúvida, atende às necessidades de um público que tem gostos, interesses e demandas diferentes e que precisa ser conquistado para a leitura da palavra, num mundo de predomínio da imagem e do visual. Nesse contexto, o ato de ler é uma ação cultural que deve ser ensinada, dia-a-dia, no espaço da escola e com apoio dos familiares. Por isso, sabemos que ninguém se torna leitor fora de um contexto cultural no qual o livro e a leitura tenham uma importante presença; que não basta ensinar a reconhecer as letras para formar um leitor, mas que é necessário oferecer textos diferentes, para que o aprendiz caminhe na direção da interpretação pessoal que é muito mais do que decodificar; que, para ler um texto, com fluência, são práticas permanentes de leitura de textos de qualidade; que esse conceito de textos de qualidade compreende os aspectos visuais, as ilustrações e o projeto gráfico, como partes importantes da unidade livro/objeto; que ler palavras e imagens – constitui-se um processo único, inesgotável e interminável, como ato da recriação humana. Assim eles se expressam:

E. 23 – Professora A. – Devemos pensar em literatura de massa como instrumento utilitário, pois nesse contexto, a leitura de variados textos permitirá o conhecimento e o reconhecimento do ser humano e sua condição humana.

E. 24 – Professora B. – O trabalho a ser desenvolvido com a literatura de massa dependerá da maturidade do leitor. Uma coisa é certa: as leituras, certamente, serão iniciadas

e/ou continuadas em sala de aula, uma vez que o hábito da leitura só é incorporado pelo aluno se for exercitado. Certamente, a literatura de massa auxilia o estudante na sua vida.

E. 25 – Professora C. – Eu acredito que com o apoio de diversas leituras, material de qualidade, o aluno se conscientiza da amplitude textual, passando a compreender o indivíduo dentro de seu contexto social e econômico e, principalmente, a considerar suas perspectivas de vida.

E. 26 – Professora D. – O ensino da literatura de massa serve como um recurso a outros tipos textuais, pois temos que diversificar o conhecimento do aluno.

O teor das respostas de alguns professores reflete suas considerações a respeito do ensino da literatura de massa. Segundo eles, devemos compreender em toda a sua extensão a condição indispensável para uma atuação docente responsável e comprometida. Por meio dela, o ler e o conhecer se tornam motivos de cooperação entre os alunos e professores, contemplando diferentes formas de interação e prática cultural.

Dessa forma, por mais que o aluno enfrente dificuldades, durante suas leituras é importante a participação do professor, pois lhe compete fazê-lo reconhecer e entender seus limites. Essas considerações dos professores, em relação ao ensino da literatura de massa, contemplam algumas propostas estabelecidas no currículo escolar, que o aluno terá momentos de discussões sobre esse tipo literário.

Nessa oportunidade, apresentamos a prática da professora A. sobre a leitura da literatura de massa em classe. Vejamos o exemplo:

E. 27 – Professora A. - Primeiramente, não sabia que os livros que eu estava trabalhando poderiam ser chamados de literatura de massa. Utilizo o material enviado pelo MEC, durante as aulas de Português, promovendo para meus alunos um encontro com os livros, para que eles possam identificar a obra que mais lhes agrada. Levo também recortes de textos de revistas com o objetivo de reconhecer as temáticas das obras e dos textos

recortados. Num segundo momento, após a leitura, analisamos os elementos narrativos, presentes nas obras e relacionamos com os outros fragmentos textuais. Isso acontece com o objetivo de levar o aluno a traçar paralelos entre a temática literária e a temática dos textos diversos. Exemplifico para os alunos a diferença entre tema e assunto. Num terceiro momento os alunos preparam um seminário literário para os colegas de classe possam conhecer todas as obras que foram selecionadas pela classe. Na seqüência eles aplicam atividades, referentes às obras, que já elaboraram previamente. Os alunos recolhem essas atividades e corrigem, cabendo a mim atribuir nota. Nessa atividade existe uma relação de troca, a qual possibilita ao aluno que não leu a mesma obra do colega conhecê-la.

A democratização da leitura tem de ser vista como possibilidade de acesso à linguagem artística que é a literária. Criar quando se lê literariamente um texto, significa se apropriar de uma linguagem artística em sua riqueza, em sua beleza, em suas possibilidades de ampliação de horizontes e de percepções diferenciadas de mundo. A democratização do texto literário tem de ser vista como um meio de acesso a uma linguagem mais complexa, mais rica em elementos textuais. Isso indica que ler é uma atividade simbólica específica, a partir da qual as mensagens são produzidas e interpretadas, adquirindo significados diferentes entre os jovens com experiências culturais diversas, portanto, ler como prática social condicionada ao repertório dos leitores. Lê melhor quem lê entre leitores, pois esse possui mais intimidade com os diferentes tipos de textos, uma vez que já ouviu e também contou histórias. Nesse sentido, sabemos que muitos esforços vêm sendo desenvolvidos para promover uma adequada escolarização da literatura na educação brasileira.

Diante do exposto, pudemos interpretar que o encontro dos jovens com os diversos tipos de textos, desde o início do processo de alfabetização, constitui um desafio tanto para quem propõe, quanto para quem dispõe. O professor é, sem dúvida, um protagonista nesse processo, pois é ele quem deve utilizar ferramentas para aproximar os jovens da leitura literária. O texto literário pode ser uma produção de artística e, por isso, sua leitura vai tornar o leitor, também um criador suas

Percebemos, portanto, nas respostas dos professores, que o tema literatura de massa, nomeado pelos docentes entrevistados de literatura não-canônica, é significativo, o que reforça a importância do seu aprofundamento nas discussões curriculares.

Nesse caminho de integração dos diferentes tipos de textos, na condução de uma aprendizagem mais significativa dos processos de leitura e de reconhecimento do acervo literário enviado pelo MEC, inscreve-se o texto de Zilberman que

qualquer leitor pertence a uma comunidade de interpretação e se define em relação às capacidades de leitura; entre os analfabetos e os leitores virtuosos há todo um leque de capacidades que deve ser reconstruído para entender o ponto de partida de uma comunidade de leitura (ZILBERMAN, 2001, p.31).

Desse modo, as políticas públicas de distribuição de livros, tanto para escolas (PNBE – Plano Nacional da Biblioteca Escolar), quanto para os alunos (Literatura em minha casa), têm submetido a produção para os jovens à rigorosa avaliação, no intuito de selecionar os melhores textos do imenso universo da produção literária, que tem demonstrado muito mais quantidade do que qualidade.

A esse respeito, Zilberman e Silva (1997, p.71) fazem referência ao ato de ler como atividade humana, possibilitando a contestação, a criatividade e “que a leitura pode realmente contribuir para a existência autêntica do indivíduo em sociedade.”

Nesse contexto, os professores entrevistados reconheceram que as iniciativas governamentais podem dar base literária para as leituras do dia-a-dia da escola, pois a avaliação e a seleção de obras para os alunos das séries finais do Ensino Fundamental têm por objetivo proporcionar a esses educandos o acesso a textos que contribuam para a análise reflexiva sobre si mesmos e sobre o outro. Por esse critério, as obras foram avaliadas pelas qualidades textuais básicas (coerência,

coesão, progressão, consistência), pelos recursos lingüísticos empregados e pelo trabalho estético com a linguagem. Nos textos narrativos, foram avaliadas a coerência e a consistência da narrativa, a ambientação, a caracterização das personagens e o cuidado com a correção e a adequação do discurso das personagens às variáveis de natureza situacional e dialetal. No caso das obras poéticas, foi observada a adequação da linguagem ao público a que se destina e sua coerência, tendo em vista os diferentes princípios que, historicamente, orientam a produção e a recepção literária. Os textos foram eticamente adequados, assim evitaram-se preconceitos, moralismos, estereótipos.

Nas adaptações e traduções, foram considerados os aspectos textuais e editoriais que particularizam cada obra. Além disso, se asseguraram as qualidades literárias do original e a adequação da linguagem e do assunto ao público-alvo. O modo como o faz foi avaliado, assim como a presença, na edição, de elementos constitutivos das partes pré-textual e pós-textual _ sumário, prefácio, notas, posfácio, glossário - possam estimular e enriquecer a leitura do jovem leitor.

Nos livros de imagens e quadrinhos, considerou-se como critério preponderante a relação entre texto e imagem e as possibilidades de leitura das narrativas pictóricas.

As temáticas das obras foram selecionadas de modo diversificado, a partir de diferentes contextos sociais, culturais e históricos. As obras foram adequadas à faixa etária e aos interesses dos alunos. Foram observadas a adequação às expectativas do público e a possibilidade de ampliá-las, assim como a ampliação das perspectivas e referências do universo juvenil por via da exploração artística dos temas e da faculdade de incitar novas leituras, evitando didatismo. Nesse sentido, foram inúmeros os esforços para se adequar as leituras à realidade sociocultural dos

alunos. A qualidade do acervo literário melhorou enormemente e o cuidado com os projetos gráficos editoriais intensificou-se, proporcionando um impacto positivo no tratamento dos textos e das imagens veiculadas nos livros. Logo, as respostas dos professores sobre as razões pelas quais o Ministério da Educação investe em projetos de incentivo à leitura foram das mais variadas. As abordagens levaram à conclusão de que o professor vê nesses programas governamentais uma exigência cultural, vinculada as tentativas de proporcionar ao jovem leitor uma vida melhor, um futuro mais promissor e uma ampliação conhecimento de mundo. Analisemos mais alguns segmentos como justificativa:

E. 28 – Professora A. – As razões fundamentais para o Ministério da Educação enviar aos professores e aos alunos livros de literatura brasileira e estrangeira, possivelmente deve ser a tentativa de aproximar textos clássicos aos alunos.

E. 29 – Professora B. – Acredito que é mais uma tentativa de suprir um vazio na formação da maioria dos alunos brasileiros. Acho que a maior parte dos programas relacionados à educação no Brasil é paliativa.

E. 30 – Professora C. – São projetos interessantes, porém acho é necessário maior divulgação e principalmente outros programas que capacite o professor a trabalhar com essas diversidades textuais.

Ao analisarmos esses fragmentos, percebemos que alguns professores consideram os programas de incentivo à leitura como medidas paliativas, pois deveria-se investir, primeiro, em capacitação para os professores trabalharem com os acervos literários. Segundo, divulgar mais esses programas com o objetivo de interar os professores dos outros tipos de ações governamentais. Afinal, os projetos de leitura do Governo Federal estão em andamento desde 1998 e ao longo de sua

história, o PNDE (Programa Nacional do Desenvolvimento da Escola) vem distribuindo livros de literatura em diferentes ações.

Os excertos 27, 28, 29 e 30 são pareceres dos professores de Português para complementar as referências sobre as contribuições dos programas de leitura na realidade da escola. Na verdade, as referências que o professor tem sobre o Programa Nacional da Biblioteca Escolar e o Programa Literatura em minha casa para os alunos de oitava série do Ensino Fundamental demonstram que eles conhecem superficialmente e que ouviram falar ou leram algumas obras, mas não se aprofundaram nas obras dos acervos literários enviados pelo MEC. Esses relatos transcritos confirmam nossa análise sobre quão importante é se utilizar os livros disponibilizados pelo programa Literatura em minha casa, pois existe material literário para se trabalhar nas escolas, porém poucos professores utilizam em classe as obras com temáticas diversificadas, com diferentes contextos sociais, culturais e históricos.

No desafio de refletir sobre a literatura de massa no contexto escolar, acreditamos que o professor possa pesquisar mais os acervos disponíveis, tanto para o docente, quanto para o discente.

E. 31 – Professora A – Eu acho que é mais um aliado no desenvolvimento do projeto ler, a participação do Ministério da Educação é eficaz, principalmente, dos programas que visam o incentivo à leitura.

E. 32 – Professora B – Eu acredito que quanto mais o governo investir, mais a população terá acesso à literatura e a leitura.

E. 33 – Professora C. – Ouvi falar no Programa Nacional da Biblioteca Escolar, porém não tenho muitas informações sobre o funcionamento e sua aplicação nas escolas. Acho que deveria, por parte do Ministério da Educação, haver mais divulgação.

E. 34 – Professora D – Eu conheço o Programa Literatura em minha casa, sei que existem falhas (como todo projeto do governo), mas a cada ano são expostas novas propostas e à medida que os professores e alunos conheçam o material cedido pelo Programa Nacional da Biblioteca Escolar, mais fácil torna o trabalho com a leitura.

E. 35 – Professora E. _ Desde 2002 estou trabalhando com os acervos enviados para os alunos, são obras clássicas da literatura brasileira e estrangeira. Os textos são eticamente adequados, seguindo propósitos de qualidade e adequação ao público-alvo.

É interessante que os relatos dos docentes sobre os programas de incentivos à leitura diferenciam bastante nas respostas, desde aqueles que não têm informações sobre os projetos, até aqueles que reconhecem a sua importância no dia-a-dia do aluno e do professor, identificando a mudança de perfil do alunado, sobretudo no que diz respeito ao perfil sócio-econômico. Nesse contexto, o livro deixa de estar na biblioteca da escola e passa a se sediar na casa do aluno, uma vez que os programas nacionais de distribuição do livro incrementam seu alcance, de maneira a prover, progressivamente, um número cada vez maior de escolas e estudantes.

Por isso, complementando os fragmentos citados anteriormente, Foucambert (1998, p.55) afirma que “a motivação para leitura é quase sempre uma insatisfação, um desequilíbrio entre o leitor e seu meio, seja esse desequilíbrio provocado por causas inerentes à natureza humana”. Vale ressaltar que o texto inexistente sem a presença do leitor, pois é o leitor que lhe dá voz e vida. A trilha marcada pela materialidade do texto vai sendo devassada pelo leitor, e a escolha cabe ao professor leitor, ou ao aluno leitor. Isso significa dizer que a escola deve estar atenta ao lugar em que ela promove a leitura literária, porque reservar à leitura um espaço escolar é uma tarefa de construção. Estamos falando dos programas de incentivo à

leitura como uma oportunidade de promover e destacar a intencionalidade do ato de ler. Afinal, ensinar a ler trata-se de exercitar a leitura para praticar, numa primeira instância, a decodificação da escrita, aguçando o olhar para enxergar mais do que uma letra de cada vez, mais do que apenas uma palavra, mas para entender os processos de construção das palavras; para enxergar as discrepâncias que caracterizam a ortografia, para atribuir significado às expressões, à metáfora; para se familiarizar com a sintaxe da língua escrita; para entender o significado dos sinais de pontuação, das letras maiúsculas e das minúsculas, das margens do texto; para construir um repertório de enredos, de personagens, de raciocínios, de argumentos, de linhas de tempo, de conceitos que caracterizam as áreas de conhecimento, para, enfim, movimentar-se com desenvoltura no mundo literário. Nesse sentido, a leitura tem por objetivo desenvolver no aluno a familiaridade com a língua escrita, numa quantidade tal que o faça gostar de ler e de perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social, transformando-a num hábito capaz de satisfazer o seu gosto e a sua necessidade. Por isso, o ensinar a ler é também dar acesso aos meios expressivos necessários para que o aluno leia não apenas um tipo textual, mas também para que ele possa perceber que a Língua Portuguesa que ele lê é produto do trabalho de seres humanos que a tornaram capaz de expressar o que precisaram que ela expressasse. O ensinar a ler continua sendo levar o aluno ao domínio de códigos mais elaborados e mais especializados.

Seguindo essa análise, outra questão importante respondida pelos professores foi sobre a prática literária e como é vislumbrada a literatura de massa nas aulas de Português.

E. 36 – Professora A _ Olha, ainda não planejei didaticamente como trabalhar com a literatura de massa, mas já penso em promover e organizar materiais de leitura. Pretendo

diversificar os textos, para que os próprios alunos se organizem e avancem em seus espaços de leitores.

E. 37 - Professora B _ Em relação à literatura de massa eu vejo que a participação da turma, na escolha dos livros, é muito importante. O planejamento é o instrumento, capaz de assegurar os conhecimentos prévios dos alunos. O planejamento me permite estabelecer reciprocidade – professor e aluno.

E. 38 – Professora C _ Eu penso em desenvolver o trabalho com a Literatura de Massa de maneira enriquecedora do conhecimento do aluno e da sua realidade como leitor, pois estamos num momento de preocupação. Os programas vistos na TV brincadeiras, hábitos familiares e acontecimentos diversos acabam desviando a presença da leitura. Por isso, a Literatura de massa servirá como elemento extrapolador e de troca de conhecimento.

E. 39 – Professora D _ É diferente, especialmente o tema literatura de massa, tive pouca leitura desse gênero literário, ainda não sei como trabalhar. Considero importante esse recurso muito enriquecedor para se despertar o interesse do aluno.

E. 40 – Professora E _ Na disciplina de Português, temos assuntos relacionados à literatura de massa, principalmente no que diz respeito à prática. Isso está intimamente ligado à realidade da sociedade que tem acesso à outras culturas de massa. Logo, meu trabalho com este tipo de texto é indispensável. Penso em organizar e coletar os mais diferentes textos, proporcionando para o aluno um maior contato com este tipo literário.

Vivemos num tipo de sociedade que valoriza o saber, isso implica na capacidade de compreensão, que não vem automaticamente, nem é plenamente desenvolvida, precisamos exercitá-la e ampliá-la. Saber reconhecer diferentes tipos textuais e identificar suas características gerais favorece o trabalho de compreensão, porque orienta, adequadamente as expectativas do leitor diante do texto. A compreensão dos textos pelo aluno é a meta principal do ensino da leitura. Ler com compreensão inclui, além da compreensão linear, a capacidade de fazer inferências.

Sabemos, que a maior parcela de nossa população, embora hoje possa estudar, não chega a ler. A escolarização, no caso da sociedade brasileira e geral, não leva à formação de leitores. Nesse sentido, o ensino da literatura de massa e o destaque da leitura nas discussões de políticas públicas configuram avanço no que diz respeito à Educação Básica e à formação de leitores.

Curiosamente, percebemos que os professores responderam de modo diversificado, demonstrando interesse em contemplar esse tipo literário. Identificaram o planejamento como um direcionador entre os conteúdos escolares de Português e que a diversidade literária exposta pelo Programa Literatura em minha casa poderá facilitar a organização curricular.

Na percepção dos docentes o espaço de sala de aula é um espaço de leituras, um local de trocas de experiências. Segundo eles, tudo vai depender da postura da comunidade escolar, pois são muitas as possibilidades conceituais e metodológicas que a leitura lhes oferece hoje. Isto confere uma relevância social e afetiva a cada gesto e olhar do professor e aluno sobre as diferentes temáticas abordadas no ato da leitura. O ato da leitura no currículo escolar não deve se aprisionar em perguntas ou fichas de leituras. É preciso que ele se constitua como um ato de interação entre inúmeras formas de experiência humana, que todos os caminhos do conhecimento se entrelaçam.

A percepção de que o Governo Federal tem incentivado o hábito da leitura e o acesso à cultura junto aos alunos, professores e a comunidade em geral mediante a execução do Programa Nacional da Biblioteca Escolar é fundamental ao docente. O fato de o projeto ter grande dimensão auxilia o professor a crer na inovação e no comprometimento do setor público com a realidade educacional. Essa valorização da leitura nos projetos públicos reflete nos comentários dos professores sobre

relação: literatura e leitura na realidade escolar. Para exemplificar este comentário foram destacadas algumas considerações importantes. Os relatos dos professores servem para confirmar:

E. 41 – Professora A _ Até agora, tem sido bastante proveitoso o trabalho com a literatura, apesar de sentir que alguns professores não conseguem utilizar os recursos literários de forma esclarecedora.

E. 42 – Professora B _ O ensino da literatura é muito importante, pois acredito que sua natureza propicia maior liberdade inventiva. O leitor e leitora mergulham num mundo de narrativas maravilhosas.

E. 43 _ Professor C _ A disciplina de literatura serve para estabelecer relação entre a escola, a leitura e a vida, sendo significativa. O conteúdo literário deve promover reflexões a respeito da vida e da realidade do meu aluno.

E. 44 _ Professora D _ Nesses anos percebo que as iniciativas públicas estão mais próximas da realidade do professor e do aluno. Sei que é preciso se investir nos projetos de valorização à leitura, porque vivemos num país carente de leitores críticos e atuantes socialmente.

E. 45 - Professora E _ Fiquei curiosa para obter mais informações sobre esses programas (Literatura em minha casa e Biblioteca da Escola), conheci, porém não imaginava que era disponibilizado para o aluno e para o professor. Utilizei-o apenas na escola, não sabia que os acervos eram de propriedade do aluno. São projetos bem elaborados, cabendo aos professores a organização dos conteúdos e sua aplicação.

Os professores apontam para o projeto Literatura em minha casa como sendo um integrador dos conceitos sociais e principalmente da realidade do estudante. Os relatos demonstram que a diversidade textual favorece o ensino/aprendizagem, proporcionando o desenvolvimento da capacidade comunicativa e crítica do sujeito.

São muitas as possibilidades conceituais e metodológicas que a leitura hoje nos oferece. Contudo, os atalhos podem ser surpreendentes, ler um texto impõe

caminhos imprevistos ou não, reveladores ou não, “emancipatórios” ou não, vindos de um outro olhar ou lugar, às vezes, perigoso por se distanciar da realidade, do lugar social e da sensibilidade do leitor.

Esses relatos conferem uma relevância social e afetiva a cada gesto e olhar do professor sobre seu campo de trabalho. É a partir do saber que professor e aluno vão, com múltiplos e diversos olhares, “ressignificando” conceitos, reelaborando ou reorganizando suas práticas de leitura e literatura.

Nesse aspecto, acreditamos que os programas governamentais proporcionam ferramentas para o ensino da leitura, criando e recriando projetos em direção à formação humana. Neles, encontramos propostas para o trabalho com os acervos literários em sala de aula, aprofundando o sentido da literatura na vida de nossos alunos, partindo de suas realidades. Contudo, precisamos ouvi-los, instigá-los a falar, a conversar e a discutir. Nessas conversas e discussões, vamos conhecendo os alunos, suas histórias e conhecimentos, e eles também vão se conhecendo e nós conhecendo. Problematizando os casos que conta as histórias, os temas que surgem e levando-os a se interessarem por outras realidades, por outros temas, por outras questões e respostas. Assim, vamos indicando que o mundo é grande, que a vida das pessoas são diferentes, há modos diferentes de resolver um mesmo problema, que podemos também dar explicações diversas sobre um mesmo fato, dependendo de que lugar falamos.

Como nos ensinou Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, acrescentamos nós, depois de um determinado momento, vão as duas caminhando lado a lado. Para que isso aconteça, é necessário que, nas rodinhas de conversa, na discussão de temas, na apresentação de novas questões para os alunos, materiais literários estejam sempre presentes na aula.

As falas dos professores expressam a vida que vive seus alunos, o que sabem, seus valores, sentimentos e desejos, como a realidade de qualquer um de nós. Eles comentam que os alunos trazem para a escola seus conhecimentos e experiências literárias, adquiridas ao longo de suas vidas. Não podemos ignorar, na verdade, que o nosso repertório de leituras e a nossa análise crítica, aliada ao conhecimento que temos de nossos alunos e de suas preferências, de seus interesses e de seus gostos, embasarão nossas escolhas de leituras literárias a serem trabalhadas em classe.

Nesse sentido, a função da escola deve ser a de proporcionar situações em que os alunos ampliem e aprofundem o sentido da vida, ampliando e aprofundando conteúdos que lhes permitam compreender a realidade de diversas maneiras. Ao professor confere a responsabilidade de ampliar e aprofundar o sentido da vida dos alunos, partindo de suas realidades, investindo nas conversas e discussões literárias que ocorrem em classe.

Todas as questões apresentadas acima contextualizam uma sociedade em que é possível reconhecer professores e alunos como leitores, posto que têm as suas vidas e suas falas atravessadas de forma forte pela importância do ato de ler.

A relação entre a escola, a leitura e a vida pode ser muito significativa se não distanciarmos os elos dessa cadeia. A melhor coisa que fazemos pelos alunos é criar espaços na sala de aula para conversas, para manuseio e leitura de materiais variados e situações em que escrevam atendendo a múltiplas propostas, para que possam se tornar íntimos de diversos tipos de texto que, na sociedade, cumprem funções específicas e diferenciadas.

Como pudemos analisar, a partir do exposto, temos diversas possibilidades explicativas para o ensino da literatura de massa no processo de ensino

aprendizagem. Restando, o desafio de buscar mais elementos para que possamos nos posicionar diante dos casos presentes em nossas salas de aula, em nossas escolas. Os relatos dos professores indicam a necessidade de se conhecer e se respeitar as diferenças culturais e lingüísticas apresentadas por nossos alunos e exercitar a nossa compreensão sobre as implicações dessas diferenças nas produções orais e escritas dos jovens dentro da escola.

A existência dessas diversas possibilidades explicativas para a leitura da literatura de massa indica a necessidade de sermos cautelosos ao fazermos as escolhas das obras literárias a serem trabalhadas em sala, pois devem ser consideradas, a partir de cada realidade educacional e cultural, tanto dos professores quanto dos alunos envolvidos. O importante é fazer com que o aluno possa ter acesso ao universo literário mobilizado pela literatura de massa, levando-o a constituir uma relação diferenciada com a linguagem, e, conseqüentemente, tornar-se leitor de textos competentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises apontadas nesse trabalho, evidenciamos que o tema literatura de massa é extremamente instigador. Pudemos observar, em linhas gerais, o conhecimento e o desconhecimento, por parte de alguns professores, dos programas governamentais de incentivo à leitura. Considerando o problema de pesquisa, elaboramos análises que evidenciaram o incentivo à leitura por meio da literatura de massa. Para tanto, as teorias da literatura de massa e da leitura mostraram-se eficientes, considerando que o acervo literário enviado pelo MEC possa ser um recurso pedagógico de leitura, como meio eficaz para o desenvolvimento do hábito de ler e, principalmente, por contemplar a realidade do estudante e do professor.

O resultado da entrevista realizada com os professores de duas escolas da rede Pública Estadual de Educação possibilitou-nos conhecer as diferenças e os parâmetros de cada um sobre o ato de ler. Quanto à verdade e à falsidade do objeto analisado, ficaram por conta dos vários autores envolvidos, ou na prática de cada um dos investigados. Felizmente, todos os participantes aceitaram e contribuíram para o bom andamento da pesquisa.

O direcionamento dessa dissertação permitiu-nos também comprovar aspectos relevantes da leitura da literatura de massa no processo educativo e algumas reflexões pertinentes, muitas das quais não tiveram mais do que a pretensão de serem observadas num primeiro momento de estudo. A leitura, nesse contexto, foi contemplada como uma forma exemplar de aprendizagem, de desenvolvimento crítico e de identificação do aluno como sujeito participante da sociedade, favorecendo a remoção de barreiras educacionais, pois concede

oportunidades mais justas de educação e promoção do exercício intelectual. Ao que nos pareceu, a leitura foi destacada como principal meio de aquisição, aprendizado, assimilação e produção de conhecimento.

Nesse sentido, o ensino da literatura de massa é uma tarefa que os professores de Português e os alunos da Educação Básica poderão compartilhar, podendo utilizar os acervos literários e as diversidades textuais como oportunidades para que todos possam aprender. Reiteramos ainda, a necessidade de aproximar os conteúdos de sala de aula ao cotidiano e, nele, a interface teoria e prática renovada.

A análise do acervo literário enviado pelo MEC possibilitou-nos o reconhecimento do professor e do aluno como integradores do universo literário. Constatamos que o leitor aprende estabelecendo relações entre o que lê e o que interessa ler, interpreta pela interação entre interlocutores. Reconhecemos que descoberta dos interesses do leitor é uma maneira de inter-relacionar informações, acrescentado novos conhecimentos. Isso possibilitou entender que a troca de conhecimentos entre sujeitos, leitor (aluno) e leitor (professor), na relação e na interpretação dos textos, constrói-se pelos sentidos simbolicamente interpretáveis, tornando o ato da leitura significativa na prática social.

Em tal contexto, a práxis reforça a convicção de que a leitura de textos de massa proporciona um maior conhecimento de mundo ao aluno.

Não obstante à todos os aspectos positivos dos programas governamentais de incentivo à leitura, temos a falta de um programa de capacitação docente que desenvolva um trabalho efetivo com os acervos literários. Os professores entrevistados, em sua maioria, identificaram a ausência de atividades governamentais de apoio pedagógico.

Sendo assim, a literatura de massa toma forma, o ato de ler entra para o continente sem obrigação, mas por interesse. O leitor faz a análise textual, entendendo a temática e, por fim, interpretando as leituras diversas que foram acrescentadas ao seu repertório, pois o trabalho produzido resulta em maior interação nas relações de sentido, repassando as trocas de experiências do leitor.

O horizonte de expectativas do professor acarretou um repensar o ensino da literatura de massa, contemplando como material de apoio o acervo literário enviado pelo MEC/PNBE e o conhecimento de mundo do aluno. Esse é um processo de reconhecimento das perspectivas quanto aos conceitos que ampliam os pensamentos pela reflexão, compreensão das idéias, interpretação e conjunção de premissas que formarão as proposições que interessam ao leitor. Para evidenciar esses relatos, Chartier (2000, p.14) comenta que “o caminho é pois, estreito, mas fundamental, que deve conduzir as próprias práticas, desde leituras “indignas”, “selvagens”, até uma relação mais enriquecedora com obras mais profundas e densas”.

Desse modo, constatamos quão importante é o educador ser um incentivador, que direciona à leitura crítica dos seus alunos. O professor não é mais aquele que reproduz saberes sem ater-se ao outro, mas aquele que descobre pela leitura do educando quais são suas aspirações, a fim de orientá-lo para novas possibilidades textuais que os projetos literários oferecem e incentivam.

Por meio da pesquisa, esperamos ter contribuído para o ensino da leitura e principalmente para o reconhecimento da literatura de massa como instrumento capaz de incentivar os jovens para o hábito de ler. Por isso, o estabelecimento de um vínculo com a realidade dos estudantes direciona o docente a assumir uma postura inovadora, fazendo com que o papel da escola deixe de ser o de mero

transmissor de conhecimentos específicos sobre o fato literário e se amplie rumo ao aprimoramento da sensibilidade de época, trazendo à discussão leituras diversificadas, nas quais estejam presentes os valores de sua evolução histórica.

Portanto, trabalhar com o texto implica trabalhar com a incerteza e com o erro e não com a resposta certa, pois a leitura deve nos levar em direção ao novo.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira, 2002.
- ALTET, Marguerite & PAQUAY, Léopold. **A profissionalização dos formadores de professores.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- AQUINO, Julio Groppa (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas.** Ed.: 3ª, São Paulo: Summus, 1999.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** SP: Edições 70, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 2000.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2004.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Obra aberta.** São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura;** trd. Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 31ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- GIL, Antônio Carlo. **Como elaborar projetos de pesquisas.** São Paulo: Atlas, 1996.

- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**. 6ª ed. Campinas: Pontes Editores, 1998.
- _____. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. e ZILBERMAN, R. **O preço da leitura e números por detrás das letras**. São Paulo: Ática, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2ª ed., São Paulo, 1995.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa** / Theodor Adorno, Jean Baudrillard, Julia Kristeva, Roland Barthes, Paul Lazarsfeld, Robert k. Merton [...]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 4ª ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.
- MACHADO, Ana Maria. **Ilhas do tempo** – algumas leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- MEC/FNDE/PNLD 2002. **Guia de livros didáticos**: 4ª a 8ª série, 2001. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br> < <http://www.abrelivros.org.br>, <http://www.mec.gov.br/anais>. Acesso em 22/05/2006.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, SP: Cultrix, 2002.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PENAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PERRENOUD, Philippe e THURLER, Mônica Gather. **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: ARTMED, 2002.
- PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- SACRISTÁN, J. Gimeno e GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.
- TESCAROLO, Ricardo. **A escola como sistema complexo: ação, o poder e o sagrado**. São Paulo: Escritura Editora, 2004.
- TERSI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. **Pedagogia Dialética**. De Aristóteles a Paulo Freire. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SODRÉ, Muniz. **Best-seller: A literatura de mercado**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. Lisboa: Presença, 2001.
- YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: Complexidade**. Rio de Janeiro: ED. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- ZAPPA, Regina. **Chico Buarque para Todos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.
- ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- ZILBERMAN, R. (org.) **Os preferidos do público**. Petrópolis: Vozes, 1987.

ANEXOS

ANEXO A

Roteiro

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO - HISTÓRIA ORAL / SEMI-ESTRUTURADA

ASSUNTO DA PESQUISA: LITERATURA DE MASSA NO CONTEXTO ESCOLAR.

PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

- * Definição: bom e mau leitor.
- * Realização do trabalho com a Literatura de Massa nas aulas de Português.
- * Opinião sobre a importância da disciplina de Literatura no currículo escolar.
- * Desenvolvimento do trabalho da leitura e da Literatura na escola.
- * Contemplação da Literatura de Massa no currículo escolar.
- * Opinião do professor sobre os programas de incentivo à leitura. “O Ministério da Educação vem, desde 1997, incentivando o hábito da leitura e o acesso à cultura junto aos alunos, professores e a comunidade em geral mediante a execução do Programa Nacional Biblioteca da escola (PNBE)”.

* Visão dos professores sobre as razões fundamentais do Ministério da Educação enviar aos docentes e discentes, desde 1997, livros reestruturados de literatura brasileira e estrangeira.

* Explicações sobre os programas governamentais de incentivo à leitura.

ANEXO B

CRONOS: Programação das disciplinas

Curso: Letras-Português

1º Semestre – 1º Período

*Disciplina: **Introdução aos Estudos Lingüísticos**

Aulas teóricas: 2 Aulas práticas:2 Números de créditos: 3 Carga horária: 72

Ementa: A Lingüística e o estudo das línguas naturais. O processo da comunicação. As funções da linguagem. Os estudos de fonética.

*Disciplina: **Recepção e Produção de Textos**

Aulas teóricas:0 Aulas práticas: 4 Números de créditos: 2 Carga horária: 72

Ementa: Modalidade escrita e modalidade oral da linguagem. Tipologia textual. Recursos lingüísticos em atividades de leitura, escrita e reescrita: coesão e coerência.

***Disciplina Fundamentos de literatura**

Aulas teóricas: 4 aulas práticas: 0 Números de créditos: 4 Carga horária: 72

Ementa: Estudo da literatura e sua inserção nas outras linguagens artísticas. A questão dos gêneros.

***Disciplina: Arte e Cultura**

Aulas teóricas: 2 Aulas práticas: 0 Números de créditos: 2 Carga horária: 72

Ementa: Os diversos conceitos de cultura. A arte como manifestação cultural. A pluralidade cultural brasileira. A cultura brasileira e suas tendências: tradição e renovação.

***Disciplina: Fundamentos da Educação**

Aulas teóricas: 4 Aulas práticas: 0 Número de créditos: 4 Carga horária: 72

Ementa: Pedagogia, educação e prática social. Bases, epistemológicas e sociológicas da educação, análise de suas implicações na escolarização básica. Diversidade cultural e o fracasso escolar. Ética e educação. Globalização, mudança social e os reflexos na educação.

***Disciplina: Prática Profissional – Novas Tecnologias no Ensino e Pesquisa**

Aulas teóricas: 0 Aulas práticas: 4 Número de créditos: 2 Carga horária: 72

Ementa: tendências pedagógicas e tecnologias educacionais. Utilização de multimeios na educação. Uso didático-pedagógico dos recursos da informática no ensino-aprendizagem.

***Disciplina: Atividade Acadêmico-Científico-Culturais**

Aulas teóricas: 0 Aulas práticas: 0 Número de créditos: 0 Carga horária: 0

As horas relativas às Atividades Complementares compreenderão a participação dos alunos em Seminário, Encontros, Simpósios, Congressos, Cursos de Extensão, Pesquisas Institucionais, grupos de estudo e/ou pesquisa, Semanas Acadêmicas.

Essas atividades têm caráter obrigatório, são orientadas e monitoradas por professores tutores indicados pela Direção do Curso e serão cumpridas fora da grade horária, à escolha do aluno, mas contarão como créditos obrigatórios para a obtenção do Diploma de Licenciado em Letras.

2º Semestre - 2º Período

***Disciplina: Processos do Conhecer**

Aulas teóricas: 2 Aulas práticas: 0 Números de créditos: 2 Carga horária: 36

Ementa: Identificação dos pressupostos necessários para a elaboração do conhecimento.

***Disciplina: Estudo dos Níveis Estruturais da Linguagem**

Aulas teóricas: 2 Aulas práticas: 2 Número de créditos: 3 Carga horária: 72

Ementa: Estudo fono-morfossintáticos e lexicais.

***Disciplina: Organização e Gestão da Escola**

Aulas teóricas: 4 Aulas práticas: 0 Número de créditos: 4 Carga horária: 72

Ementa: Contexto histórico das reformas de ensino em termos de evolução sócio-cultural e implicações educacionais. Fundamentos legais e normativos da educação

brasileira. Organização, funcionamento e gestão da escola. As redes e os níveis de ensino. Os profissionais da educação e organização da classe.

*Disciplina: **Teorias e Práticas de Ficção e do Teatro**

Aulas teóricas: 2 Aulas práticas: 2 Número de créditos: 3 Carga horária: 72

Ementa: Fundamentação teórica da prosa de ficção e da dramaturgia. Análise das expressões literárias narrativas e dramáticas.

*Disciplina: **História Externa da Língua Portuguesa**

Aulas teóricas: 3 Aulas práticas: 0 Número de créditos: 3 Carga horária: 54

Ementa: História externa da língua portuguesa: aspectos políticos socioculturais. O português do Brasil.

*Disciplina: **Prática Profissional: Recepção e Produção de Textos na Educação Básica**

Aulas teóricas: 0 Aulas práticas: 5 Número de créditos: 3 Carga horária: 90

Ementa: As práticas de leitura, produção e análise de diversos gêneros textuais, da oralidade e da escrita, de base argumentativa na Educação Básica.

*Disciplina: **Atividades Acadêmico-Científico-Culturais**

Aulas teóricas: 0 Aulas práticas: 0 Número de créditos: 0 Carga horária: 0

Ementa: As horas relativas às Atividades Complementares compreenderão a participação dos alunos em Seminários, Encontros, Simpósios, Congressos, cursos de Extensão, Pesquisas Institucionais, grupos de estudo e/ou pesquisa, Semanas Acadêmicas. Essas atividades têm caráter obrigatório, são orientadas e monitoradas por professores tutores indicados pela Direção do Curso e serão cumpridas fora da

grade horária, à escolha do aluno, mas contarão como créditos obrigatórios para a obtenção do Diploma de Licenciado em Letras.

1º Semestre - 3º Período

*Disciplina: **Filosofia**

Aulas teóricas: 2 Aulas práticas: 0 Número de créditos: 2 Carga horária: 36

Ementa: Enfoque filosófico da existência, visando a passagem de uma análise técnico-científica do conhecimento para uma abordagem que considere o ser humano como a finalidade principal, a partir da qual se constroem as relações sócio-econômicas, políticas, ambientais e culturais.

*Disciplina: **Fundamentos da Aprendizagem**

Aulas teóricas: 4 Aulas práticas: 0 Número de créditos: 4 Carga horária: 72

Ementa: Bases bio-psico-sociais dos processos de desenvolvimento a aprendizagem a partir dos diferentes concepções de desenvolvimento. Análise das teorias de Piaget e Vygotsky. As teorias de aprendizagem e suas manifestações nas práticas pedagógicas. Componentes dos processos e das condições de aprendizagem escolar.

*Disciplina: **Estudo das Modalidades da Língua**

Aulas teóricas: 4 Aulas práticas: 0 Número de créditos: 4 Carga horária: 72

Ementa: Estudo da variação lingüística. Observação de aspectos diversos do fenômeno da variação na língua portuguesa.